

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

**ÍTALO RODRIGO XAVIER CORDEIRO**

**A CULTURA POLÍTICA DA REVOLUÇÃO LATINO-AMERICANA NA DÉCADA DE  
1960: RÉGIS DEBRAY E O FOQUISMO**

**FRANCA  
2010**

**ÍTALO RODRIGO XAVIER CORDEIRO**

**A CULTURA POLÍTICA DA REVOLUÇÃO LATINO-AMERICANA NA DÉCADA DE  
1960: RÉGIS DEBRAY E O FOQUISMO**

Dissertação apresentada à Faculdade de História,  
Direito e Serviço Social da Universidade Estadual  
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-  
requisito para a obtenção do título de Mestre em  
História

Área de Concentração: História e Cultura  
Linha de Pesquisa: História e Cultura Política  
Orientação: Prof. Dr. Alberto Aggio

**FRANCA  
2010**

Cordeiro, Ítalo Rodrigo Xavier

A cultura política da revolução latino-americana na década de 1960:  
Régis Debray e o foquismo / Ítalo Rodrigo Xavier Cordeiro. –Franca :  
[s.n.], 2010

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual  
Paulista. Faculdade de História, Direito e Serviço Social.

Orientador: Alberto Aggio

1. Revolução – História – América Latina. 2. Cuba – História –  
Revolução cubana. I. Título.

CDD – 322.42

**ÍTALO RODRIGO XAVIER CORDEIRO**

**A CULTURA POLÍTICA DA REVOLUÇÃO LATINO-AMERICANA NA DÉCADA DE  
1960: RÉGIS DEBRAY E O FOQUISMO**

**Dissertação apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito  
para a obtenção do título de Mestre em História**

**BANCA EXAMINADORA**

**PRESIDENTE:** \_\_\_\_\_  
**Dr. Alberto Aggio UNESP/ Franca**

**1º EXAMINADOR:** \_\_\_\_\_

**2º EXAMINADOR:** \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

Agradeço ao professor Alberto Aggio, que desde a graduação me orienta com muita paciência e seriedade. Com o seu apoio e estímulo, fui capaz de seguir adiante com a pesquisa.

À Adriane Vidal Costa, pelos livros e pela boa acolhida em Belo Horizonte. Sua contribuição significou muito para mim.

Aos amigos Caio Oliveira, Fábio César Chaves, Max Nicola, Fátima Rodrigues, Fábio Barros, Ana Paula, Fabrício Tovani, Marcos Celeste, Samanta, Ulysses Emanuel, Thiago Birochi, Marina, Carlos Patrocínio, o pessoal da “maloca”, a todos os meus amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho.

Ao CNPq, instituição da qual fui bolsista entre os anos de 2008 e 2010. Também agradeço à Silvana, Maísa, Laura, Márcio, Sebastião e todos os funcionários da UNESP-Franca, pelo profissionalismo e por serem sempre prestativos.

Finalmente, agradeço à minha família, pela paciência e pelo apoio incondicional.

## RESUMO

Título da dissertação: A Cultura Política da Revolução Latino-Americana na década de 1960: Régis Debray e o foquismo

No presente trabalho buscamos investigar os fundamentos da elaboração, desenvolvimento e repercussão da “teoria da revolução latino-americana” produzida pelo intelectual francês Régis Debray, especialmente a partir da análise do seu livro *Revolução na Revolução*, publicado em 1967. As formulações de Debray, inspiradas na revolução cubana de 1959, marcaram profundamente a cultura política da esquerda latino-americana a partir da década de 1960. Suas teses influenciaram a esquerda radicalizada regional, que adotou a luta armada como única alternativa para realização e consolidação do projeto revolucionário no continente. Régis Debray envolveu-se com a revolução cubana mais do que qualquer outro intelectual da esquerda ocidental, transformando-se em um dos seus principais ideólogos. A partir de sua experiência com os cubanos, Debray criaria a teoria do “foco”, e essa cumpriu, especialmente na década de 1960, o papel de uma “teoria da revolução latino-americana”, tendo a revolução cubana como paradigma.

Palavras-Chave: Cuba – História – Revolução – América Latina – Revolução Cubana – Luta Armada

## ABSTRACT

Title of the dissertation: The Political Culture of the Latin American Revolution in the 1960's: Régis Debray and the focalism

In the present work, we aim at investigating the foundations of the elaboration, development and repercussion of the “Latin American revolution theory”, put forth by the French intellectual Régis Debray, from the analysis of his book *Revolução na revolução*, published in 1967, in particular. Debray's formulations, having taken inspiration in the 1959 Cuban revolution, deeply influenced the political culture of the Latin American left wing from the 1960's onward. His theses influenced the regional radicalized left wing, who adopted armed struggle as the only alternative to the realization and consolidation of the continent's revolutionary project. Régis Debray got more involved with the Cuban Revolution than any other Western left-winged intellectual, becoming one of its main ideologists. From his experience with the Cubans, Debray would create the “foco” theory, which had, particularly in the 1960's, the role of a “Latin American revolution theory”, having the Cuban revolution as its paradigm.

Keywords: Cuba – History – Revolution – Latin America – Cuban Revolution – Armed Combat

## SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>02</b>
<b>Capítulo 1 O fenômeno cubano e a emergência de uma nova teoria revolucionária na América Latina.....</b>	<b>07</b>
<b>Capítulo 2 A <i>Revolução na Revolução</i> e a teoria do foco.....</b>	<b>29</b>
<b>Capítulo 3 A esquerda latino-americana sob o impacto da nova teoria revolucionária: a assimilação de <i>Revolução na Revolução</i>.....</b>	<b>56</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>76</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>80</b>



## APRESENTAÇÃO

A América Latina foi, em alguns momentos do século XX, tomada pela idéia de revolução. O triunfo da experiência cubana, em 1959, iniciaria um debate no interior da esquerda sobre a viabilidade da luta armada como o único recurso capaz de superar as desigualdades e o atraso enfrentados pelo continente. A constante interferência dos Estados Unidos—que, no auge da guerra fria, não permitiria a proliferação do comunismo pela América Latina—contribuiu ainda mais para o processo de radicalização do cenário político regional. Ao desafiar os norte-americanos, Cuba conquistou imediatamente a simpatia de todos aqueles que associavam os Estados Unidos às mazelas sofridas pelos povos da região, transformando-se em uma importante referência política para a esquerda latino-americana na década de 1960.

Nesse trabalho, buscamos investigar o desenvolvimento do que chamamos aqui de “teoria da revolução latino-americana”, surgida na década de 1960, a partir das formulações elaboradas pelo intelectual francês Régis Debray em seu principal livro *Revolução na Revolução*, assim como a repercussão dessa teoria na esquerda latino-americana. Inspirado pela revolução cubana e por Che Guevara, Régis Debray envolveu-se com os cubanos mais do que qualquer outro intelectual de esquerda em sua época, transformando-se no principal ideólogo do projeto político da ilha caribenha. Sua teoria do “foco”, segundo a qual um punhado de homens conduziria uma revolução a partir de focos guerrilheiros espalhados pelo campo, influenciou decisivamente a esquerda latino-americana nos anos posteriores à revolução cubana.

Suas teses ativaram os setores mais radicalizados da esquerda regional que, a partir da década de 1960, criaram em seus países grupos armados dispostos a enfrentar as forças estabelecidas em prol da revolução. Para Régis Debray—assim como para a extrema esquerda—Cuba representava o ponto inicial de um processo revolucionário que deveria se estender por todo o continente.

Não buscamos nessa investigação catalogar os grupos guerrilheiros inspirados pelo chamado *foquismo*, e tampouco realizar uma análise da trajetória

político-intelectual de Régis Debray. O que nos interessa é a análise das formulações teórico-políticas desenvolvidas pelo intelectual francês presentes no livro *Revolução na Revolução*, que consideramos os fundamentos de uma teoria da revolução latino-americana que se desenvolveu no interior da esquerda regional a partir da década de 1960.

Em 1967, Régis Debray publicou, pela *Casa de las Américas*, o livro *Revolução na Revolução*, que marcaria toda uma geração de latino-americanos ansiosos por uma verdadeira transformação sócio-econômica na região. Desse modo, ao sintetizar as teses guevaristas em sua teoria do “foco”, o intelectual francês tornou-se um dos principais responsáveis pela difusão do paradigma cubano no seio da esquerda latino-americana. Para compreendermos como o guevarismo se manifestou no continente a partir da década de 1960, influenciando milhares de militantes da extrema esquerda regional que atuaram em grupos armados durante três décadas, utilizamos o conceito de cultura política. Com isso, buscamos demonstrar o desenvolvimento de uma cultura política revolucionária no continente, inspirada pela revolução cubana.

Os cientistas políticos Gabriel Almond e Sidney Verba, no pioneiro livro *The Civic Culture: Political Attitudes and Democracy in Five Nations*, publicado em 1963, desenvolveram a noção de cultura política que, tal como era proposta naquele livro, designava o conjunto de atitudes e normas de comportamento predominantes no interior de uma determinada sociedade. Esse paradigma de investigação da Ciência Política contemporânea, após sua primeira recepção eufórica, sofreu um abandono acompanhado por muitas críticas e controvérsias. Contudo, três décadas após o seu desenvolvimento, o conceito foi reabilitado pela comunidade científica depois de um longo processo de revisão. Segundo Francisco Llera, essa mesma comunidade passou a tratar a questão

[...] compartilhando, ainda que seja de posições diversas, a idéia da importância dos valores, sentimentos e crenças na explicação do comportamento político [...] e que, finalmente, os conteúdos mentais dos cidadãos e das elites políticas são mais complexos, mais persistentes e autônomos do que o marxismo ortodoxo, o liberalismo e a teoria da escolha racional sustentam<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> LLERA, Francisco J. Enfoques en el estudio de la cultura política. In: CASTILHO, P.& CRESPO, I. **Cultura Política**. Valencia: Tirant lo Blanch, 1997, p. 53.

Em *Uma nova cultura política*, Alberto Aggio afirma que o conceito inovou por ir além das investigações centradas em programas ou ações governamentais, voltando-se para a relação entre os indivíduos e a vida política de uma sociedade. Desse modo, os fenômenos políticos passaram por análises mais sistemáticas a partir do uso do conceito de cultura política, voltando-se para dimensões próprias da vida política de uma sociedade. O êxito vivido pelo conceito de cultura política nas ciências humanas e sociais se prende efetivamente ao fato de que, a partir dele, “se passou a dar importância à investigação de aspectos da vida política que eram pouco estudados ou mesmo negligenciados”<sup>2</sup>. Contudo, o conceito sofreu sérias críticas, como a de comparar diferentes sistemas políticos tendo como referencial as democracias liberais ocidentais enquanto modelos de modernidade a serem alcançados. O resgate do conceito ocorreria a partir de uma série de alterações propostas para torná-lo aplicável na investigação dos fenômenos políticos, valorizando mais o modo como os grupos sociais “se constituem como atores políticos a partir da compreensão que passam a construir do mundo da política”<sup>3</sup>.

Desse modo, ao utilizarmos o conceito de cultura política, buscamos demonstrar que as teorias, os símbolos, os códigos, os personagens que são representados como mártires, enfim, tudo que esteja relacionado com o mito cubano contribuiu para o desenvolvimento no seio da esquerda regional de uma cultura política revolucionária—sustentada na emergência da revolução cubana, na ideia de violência revolucionária, de sacrifício e de luta armada—que, a partir da década de 1960, influenciaria toda uma geração de estudantes, políticos e intelectuais.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado *O fenômeno cubano e a emergência de uma nova teoria revolucionária na América Latina*, abordamos o principal acontecimento histórico da região no século XX, a revolução cubana. Independentemente das projeções que alcançou em seu tempo, a revolução da ilha caribenha teve tanto um caráter nacional, preservando uma continuidade com a história política do país, como também um caráter latino-americano<sup>4</sup>. Discutimos como a revolução cubana influenciou o desenvolvimento de um *discurso revolucionarista* no seio da esquerda regional, contribuindo para a sua

---

<sup>2</sup> AGGIO, Alberto. **Uma nova cultura política**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2008, p.45.

<sup>3</sup> Ibid. p.51.

<sup>4</sup> MIREN, Fernando. **La Rebelion Permanente**: las rebeliones sociales em América Latina. México: Siglo Veintiuno, 1988. p. 279

fragmentação a partir da década de 1960. Nesse período, o mito cubano forneceu as principais referências para a extrema esquerda regional.

No segundo capítulo, *A Revolução na Revolução e a teoria do foco*, analisamos as teses desenvolvidas por Régis Debray no seu principal livro, *Revolução na Revolução*, publicado em Havana, pela editora *Casa de las Américas*, em 1967. No mesmo ano de sua publicação, Ernesto Che Guevara morreria na selva boliviana, após o fracasso de mais uma guerrilha foquista influenciada pelo modelo revolucionário cubano. A partir da década de 1960, Régis Debray tornou-se uma importante referência teórica para a esquerda radicalizada latino-americana. *Revolução na Revolução* rendeu ao seu autor prestígio e reconhecimento no seio da esquerda. Partindo das teses desenvolvidas por Che Guevara e por Fidel Castro, Debray desenvolveu sua teoria revolucionária inspirada na revolução cubana, buscando disseminar pelo continente a idéia de uma revolução continental. A abordagem do livro do pensador francês se desenvolverá a partir de um constante diálogo com os textos de Che Guevara—a principal fonte de inspiração de Régis Debray—, de Fidel Castro e do martinicano Franz Fanon que, com o seu livro *Os Condenados da Terra*, também influenciou a extrema esquerda regional.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado *A esquerda latino-americana sob o impacto da nova teoria revolucionária: a assimilação de revolução na revolução*, sem nos atermos a um grupo armado específico, discutimos a recepção que o discurso revolucionarista alcançou no interior da esquerda latino-americana, a partir da influência do principal ícone revolucionário terceiro-mundista, Ernesto “Che” Guevara. Foi na figura de Che Guevara, fruto da revolução cubana, que as organizações de extrema esquerda que aderiram às teorias foquistas na década de 1960 identificaram o exemplo ideal do guerrilheiro latino-americano. Entre os jovens influenciados por Che Guevara encontra-se o próprio Régis Debray, que seguiria com o guerrilheiro cubano para a selva boliviana após o treinamento militar pelo qual todos os aspirantes às praticas do foquismo passavam quando chegavam a Havana. A morte de Che Guevara na Bolívia e os fracassos das guerrilhas inspiradas pelo foquismo no decorrer das décadas de 1960 e 1970 demonstrariam as limitações e, posteriormente, o esgotamento do guevarismo enquanto projeto e práxis política para a América Latina.

A revolução cubana inaugurou uma nova fase política no continente. O debate sobre a possibilidade de uma via revolucionária na América Latina ganhou força à medida que a esquerda regional sofria um processo de radicalização influenciado pelos cubanos. Após o triunfo revolucionário, Cuba se tornaria a principal referência das novas forças insurgentes adeptas da luta armada. Cultivando a violência, valorizando o sacrifício e a morte heróica<sup>5</sup>, a extrema esquerda regional, a partir da década de 1960, foi profundamente seduzida pela idéia de revolução e viveu, com ela, o seu êxtase e a sua agonia.

---

<sup>5</sup> FAUSTO, Boris. DEVOTO, Fernando J. **Brasil e Argentina**: um ensaio de história comparada. São Paulo. Ed.34, 2004, p. 446

## Capítulo 1 - O fenômeno cubano e a emergência de uma nova teoria revolucionária na América Latina

O século XX testemunhou uma série de manifestações nacionalistas por toda a América Latina que identificavam nos Estados Unidos, e na sua política imperialista, o principal inimigo da soberania dos países latino-americanos, soberania essa conquistada no século anterior, após o processo de independência na região. O mito do homem do Oeste americano inspirou a sociedade colonizadora yanque a impor os seus valores por todo o continente, justificando qualquer sacrifício em nome do “progresso”. A epopéia americana, após a consolidação de suas fronteiras no decorrer do século XIX, seguiu em direção aos trópicos, reivindicando, segundo a famosa Doutrina Monroe, a América para os americanos. Suas constantes intervenções militares no Caribe e na América Central, e sua influência político-econômica cada vez maior na América do sul, coincidiram com o desenvolvimento de um forte nacionalismo na região.

Com efeito, a construção de uma identidade latino-americana a partir da constituição dos Estados nações no decorrer do século XIX, foi marcada desde o início pelo conflito com os Estados Unidos, e os ressentimentos gerados pela constante interferência do Departamento de Estado dos vizinhos do norte na região, influenciariam direta ou indiretamente os caminhos percorridos pela esquerda latino-americana durante o século XX. Nesse processo, o rancor gerado pela opressão se traduziria nos movimentos de resistência que, inspirados pela revolução cubana, desenvolveriam um discurso revolucionarista a partir da década de 1960, no auge da guerra fria.

A revolução cubana[...] não constitui um fenômeno isolado. Dadas as suas causas e conseqüências, ela foi um fenômeno da América Latina, cujo nacionalismo, que se manifestara, em larga medida, sob formas nazi-fascistas durante os anos 30 e 40, orientou-se cada vez mais para a esquerda e mesmo se identificou com o comunismo, como no caso de Cuba, em virtude da contradição entre os dois pólos do poder internacional, durante a Guerra fria<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel**: a revolução cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.03

Última colônia na região a libertar-se do domínio espanhol, Cuba sentiu profundamente a intervenção norte-americana a partir de 1898, após longos trinta anos de luta contra a Espanha. Nesse período, a ilha caribenha viveu duas guerras de independência, a primeira iniciada em 1868, liderada por Carlos Manuel de Céspedes, a segunda a partir de 1895, sendo o seu principal ideólogo o intelectual cubano José Martí, que se tornaria, posteriormente, um mito da nação cubana.

No início do século XIX, a elite escravocrata cubana manobrou politicamente no sentido de anexar Cuba aos Estados Unidos, preservando, desse modo, os seus interesses econômicos na ilha. Segundo Luiz Alberto Moniz Bandeira, seu objetivo consistia em “preservar, por meio da anexação aos Estados Unidos, o modo de produção, baseado na escravatura, contra as pressões que a Grã-Bretanha fazia sobre a Espanha para o abolir”<sup>7</sup>. Porém, em 1895, uma grande parcela dos cubanos envolvidos no segundo processo de independência desejava a mais completa autonomia da ilha caribenha, sem a intervenção de nenhuma potência estrangeira.

Com interesses estratégicos na região, setores norte-americanos ligados ao modo de produção escravista predominante no sul dos Estados Unidos viam com bons olhos a anexação de Cuba. Entretanto, como as iniciativas nesse sentido encontravam cada vez mais obstáculos—como o conflito entre os escravocratas do Sul e os abolicionistas do Norte nos Estados Unidos, que desejavam o fim do sistema escravista em seu país—o projeto de anexação não vingou.

A presença norte-americana introduz no processo de independência de Cuba elementos diferenciados em relação aos demais movimentos latino-americanos. O tratamento da questão nacional envolve realidades próprias de uma forma de colonialismo em retração e de um novo imperialismo emergente que combina a expansão econômica de interesses privados nacionais com uma política externa intervencionista<sup>8</sup>

O Pacto de Zanjón, assinado pela Espanha em 1878, após a primeira guerra de independência, que concedia à ilha caribenha status de província ultramarina, por não ser respeitado pelos espanhóis, deu margem para o surgimento de uma nova

---

<sup>7</sup> Ibid. p. 14

<sup>8</sup> AYERBE, Luís Fernando. **A Revolução Cubana**, São Paulo: Editora Unesp, 2204, p. 25

rebelião em Cuba. Dessa vez dispostos a alcançar a emancipação política, “os homens que deflagraram em 1895 a luta armada contra o domínio de Madri [...] queriam a mais completa independência de Cuba, e repudiavam tanto o projeto de autonomia quanto a idéia de anexá-la aos Estados Unidos”<sup>9</sup>.

A partir de 1898, mesmo ano em que a Espanha renuncia à soberania cubana, os Estados Unidos consolidam os alicerces do seu império, iniciando um processo de constantes intervenções militares na América Central e no Caribe, política essa que contribuía para o aumento das hostilidades aos Estados Unidos na região. Tais intervenções sempre tiveram como objetivos declarados “proteger investimentos norte-americanos, evitar a intromissão de potências européias e manter a estabilidade dos governos, naturalmente daqueles pró-Estados Unidos”<sup>10</sup>.

Contudo, a América Latina, enquanto espaço de experimentação de projetos políticos *sui generis*, mesmo diante dessas constantes interferências, via surgir modelos de sociedade que, considerando as peculiaridades de cada país da região, tinham por alicerce um forte nacionalismo, baseado em um Estado interventor, uma origem e uma língua—com exceção do Brasil—e um inimigo em comum.

Quando falamos de América Latina, evocamos uma realidade pré-constituída que não é tal, que nos atos é um ‘buraco negro’, um problema aberto, uma construção inacabada, ou como assinalara Mariátegui para sua nação, porém extensível ao continente: um projeto a realizar[...] Como projeto incompleto está sempre instalado em nossos horizontes, e nos obriga a questionar-nos sobre nosso destino, pelo o que realmente somos ou queremos ser<sup>11</sup>

Nesse sentido, a perspectiva de uma nova sociedade, sem a interferência das grandes potências, permitiu que a idéia de revolução, importada da Europa, ganhasse mais espaço na região. O paradigma revolucionário latino-americano, com suas origens no processo de independência das ex-colônias espanholas na América, alimentava no continente o desejo de transformação e de superação dos obstáculos criados desde os tempos do sistema colonial. A idéia de revolução, presente não apenas na América Latina como também em todo o Ocidente, atravessou, segundo Alberto Aggio, o tempo dos contemporâneos.

---

<sup>9</sup> BANDEIRA, op. cit. p. 30

<sup>10</sup> Ibid. p.44

<sup>11</sup> ARICÓ, José. **La Cola del Diablo**: itinerário de Gramsci em América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005, p. 42



É incontestável que o século XIX e mesmo o século XX, e em especial, as suas esquerdas, viveram imersos nesse paradigma. Podemos derivar daí, conclusivamente, que foram as leituras da Revolução Francesa de 1789, a partir mesmo de seus protagonistas, que produziram a matriz do mito da revolução no mundo contemporâneo. As revoluções que se seguiriam, vitoriosas ou fracassadas, buscaram ou realizaram uma atualização deste mito<sup>12</sup>.

Desse modo, a idéia de revolução está intimamente ligada à cultura política que se desenvolveu no interior da esquerda latino-americana a partir da década de 1960. A noção de cultura política serve para compreender as motivações que levam os homens a adotarem este ou aquele comportamento político. Uma vez adquirido pelo homem adulto, esse conjunto de representações torna-se um fenômeno profundamente interiorizado e compartilhado por um grupo bastante amplo no seio de uma sociedade<sup>13</sup>. Partindo dessa perspectiva, a cultura política da revolução latino-americana estaria enraizada no imaginário político da região, sendo expressa por um conjunto de referentes formalizados e compartilhados por toda uma geração de estudantes, políticos e intelectuais de todo o continente, adquiridas e desenvolvidas no ambiente cultural da década de 1960. Segundo Serge Berstein, o conceito de cultura política representa

[...] um fenômeno coletivo, partilhado por grupos inteiros que se reclamam dos mesmos postulados e viveram as mesmas experiências. Se existe um domínio em que o fenômeno de geração encontra justificação plena e total, é bem este[...] esta fornece uma chave que permite compreender a coesão de grupos organizados à volta de uma cultura. Fator de comunhão dos seus membros, ela os faz tomar parte coletivamente numa visão comum do mundo, numa leitura partilhada do passado, de uma perspectiva idêntica de futuro, em normas, crenças, valores que constituem um patrimônio indiviso, fornecendo-lhes, para exprimir tudo isto, um vocabulário, símbolos, gestos, até canções que constituem um verdadeiro ritual<sup>14</sup>.

A cultura política da revolução latino-americana da década de 1960, sustentada no mito cubano, repercutiu por muitos anos no continente, sendo responsável pela assimilação e difusão de um simbolismo revolucionarista por meio

---

<sup>12</sup> AGGIO, 2008 op. cit. p. 54

<sup>13</sup> BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-Francois. **Para uma História Política**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 359

<sup>14</sup> BERSTEIN, op. cit. p. 361-363

de uma liturgia baseada no culto à luta armada. Sua concepção de violência revolucionária inspirou toda a esquerda radical latino-americana, ansiosa por uma verdadeira mudança na região. A revolução de 1959, com suas raízes na trajetória histórica nacional cubana, representou o detonador que faltava para desencadear uma série de movimentos armados na América Latina. A revolução cubana e toda a mística gerada ao seu redor, com os seus rebeldes barbudos tomando o poder, fumando os famosos charutos cubanos, conspirando ininterruptamente contra o seu vizinho rival, ocorreu concomitante a uma onda revolucionária que se espalhava por todo o globo, em outras regiões subdesenvolvidas, como na Argélia e no Vietnã, onde grupos rebeldes lutavam pelo fim do colonialismo, em plena guerra fria. Essa onda revolucionária à qual veio se somar a experiência cubana, serviria como estímulo para a esquerda radicalizada regional, que via nesse processo os sinais que confirmavam o desenvolvimento das condições necessárias para uma profunda transformação sócio-econômica no continente.

Na América Latina, a revolução cubana representou um exemplo para a esquerda disposta a pôr em prática a idéia de revolução. Essa idéia ganhava força na medida em que os cubanos resistiam às investidas norte-americanas e difundiam seu modelo revolucionário por todo o continente, alcançando toda uma geração de intelectuais, estudantes e profissionais, dispostos a recuperar os espaços democráticos perdidos com a emergência de governos ditatoriais por toda a América Latina, a partir da década de 1960.

A expectativa gerada pela experiência cubana repercutiria inclusive nos países industrializados do velho continente. Com efeito, o envolvimento do intelectual francês Régis Debray com os cubanos, a partir de 1965, e, conseqüentemente, sua posterior influência no interior da esquerda radicalizada latino-americana inspirada pelo guevarismo, refletia o alcance da revolução cubana pela Europa. Após ser convidado por Fidel Castro para que visitasse Havana, Debray testemunhou o espírito revolucionário que emanava de Cuba e alimentava na juventude latino-americana o desejo de viver na carne a utopia revolucionária.

Depois da publicação de um artigo intitulado *O Castrismo ou a Longa Marcha da América Latina*, a vida de Régis Debray nunca mais seria a mesma. Foi Che Guevara quem leu o artigo, durante uma visita à Argel. Um amigo venezuelano de

Debray que se encontrava na capital argelina, visitou Che Guevara na embaixada cubana, e lhe mostrou a revista com o artigo.

O Che levou esse exemplar a Cuba em sua bagagem e o passou algumas semanas mais tarde, depois de traduzi-lo, ao sair para o Congo, a Fidel Castro, que não lia francês. O que a este último lhe deu a idéia de convidar o autor (esse fidelista desconhecido no batalhão que parece que descreve como bom conhecedor dos becos sem saída da guerrilha urbana e as vantagens da rural). Respondi sim ao telegrama de Fidel, que pouco depois me enviou a preparar a chegada de Che à Bolívia<sup>15</sup>.

Essa experiência representaria uma verdadeira transformação na vida de Régis Debray, permitindo que o mesmo passasse de jovem estudante para intelectual da revolução cubana, sem ter nenhum trabalho de expressão no meio acadêmico que lhe credenciasse para tão importante função. Régis Debray, como a maioria dos jovens inspirados pelos ideais revolucionaristas na década de 1960, impressionou-se com a figura carismática de Fidel Castro, admirando-o quase como se fosse a própria encarnação de um messias mestiço, que surgiu para aplicar na região um socialismo com traços latino-americanos, mais humano e *caliente* do que o socialismo soviético. O desembarque do lendário Granma, o massacre, desencadeado pelo exército de Batista, da força expedicionária liderada por Fidel Castro, contribuiu ainda mais para a “sacralização” dos sobreviventes rebeldes—entre eles o próprio Fidel Castro, que conseguiu fugir, junto com alguns homens, para a Sierra Maestra, onde iniciaria sua guerrilha—assim como para o desenvolvimento da mitologia cubana.

As barbas eram os símbolos da revolução. Quantos eram os barbudos? Talvez dois mil. Mas Fidel gostava de parábolas bíblicas e sempre falava dos Doze. O número mítico que ele sempre usava quando aparecia na televisão possui algo da qualidade épica do Oeste selvagem americano e, é claro, da Bíblia. Doze homens e um Fidel-Cristo que haviam se refugiado nas vastidões agrestes nos libertaram do mal da tirania. Doze barbudos e o mocinho, descidos da Sierra, nos ofereciam a salvação. Como que por mágica, as forças clandestinas, o Movimento 26 de julho, as greves[...] as frentes de guerrilha, sabotagem, os guerrilheiros de Santiago—tudo

---

<sup>15</sup> DEBRAY, Régis. **Alabados Sean nuestros señores**: uma educación política. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999, p. 50

isso desaparece[...] O povo, verdadeiro protagonista da vitória, é obrigado a agradecer aos heróis por estar livre agora<sup>16</sup>

Marcada por uma longa tradição de tirania financiada pelos norte-americanos, Cuba, após a revolução, tornou-se o epicentro revolucionário do continente, e testemunhou o seu líder máximo, Fidel Castro, projetar sua liderança por toda a América Latina. Considerando-se detentores da chave da História, mal sofrido por uma considerável parcela da esquerda ortodoxa, os cubanos desenvolveram uma cultura guerrilheira, refletida nos hábitos do grande Chefe.

Nascido dos jogos de guerra e do azar, esse monarca improvisado [...] nada tem a ver com Cristo, a virgem e os santos. Porém, tem sua própria transcendência: a Revolução, seus gestos e seus predecessores; sua raça, e seus historiógrafos; tem seus criados, duques e condes, suas liturgias, sua generosidade, sua santa vontade, seu 'segredo' [...] As leis fundamentais do reino não o dominam; pode tudo sobre ela, e elas não podem nada sobre ele. É um rei em *statu nascendi*, que extrai sua sacralidade de suas façanhas pessoais e não, como o rei cristão, de um Estado ou de uma tradição preexistente. É um puro rei da guerra<sup>17</sup>.

Fidel Castro torna-se, assim, soberano de uma ilha que, mesmo contrariando suas limitações físicas, assumia o risco de converter-se em um centro de formação de revolucionários dos países latino-americanos—assim como em um porto de expedição de recursos materiais e humanos—que se embarcam na árdua tarefa de derrocar tiranos ou “democratas burgueses” regionais, mesmo que isso significasse contrariar as organizações revolucionárias estabelecidas, que não desejavam integrar-se a uma unidade sob um projeto alheio<sup>18</sup>. Desse modo, ao se confundir com a revolução e, conseqüentemente, com o Estado cubano, Fidel Castro encarnava a própria essência do poder, construindo um cenário onde os revolucionários e o povo deviam se submeter à orientação do líder máximo, sendo qualquer atitude que o contrariasse considerada “traição” à revolução.

---

<sup>16</sup> FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 32

<sup>17</sup> DEBRAY, 1999 op. cit. p. 125

<sup>18</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, José. **Crisis y Renovación de Las Izquierdas**: da revolución cubana a Chiapas pasando por “el caso chileno”. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1995, p.45

[...] nas esferas de decisão, a iniciativa mais anódina dependia de uma ordem expressa do Chefe; todo mundo alterava seu relógio de acordo com suas idas e vindas totalmente imprevisíveis[...] Cada dirigente internacional, cada conspirador digno de interesse que desembarcara nesses anos em Havana, fazia a prova de um jogo sem regras através da angustiada expectativa da entrevista<sup>19</sup>.

O rito de passagem experimentado por Régis Debray após chegar na capital cubana, revelava o Estado militarizado que se desenvolvia ao redor de Fidel Castro. Consistia no treinamento obrigatório que todo revolucionário em potencial que passava pela ilha devia enfrentar. Os valores militaristas que se desenvolviam a partir dessa experiência contribuía para a manutenção do governo castrista, na medida em que os aliados de Fidel Castro alimentavam no seio da população a paranóia criada em torno da constante ameaça imperialista que pairava sobre a pequena ilha caribenha, institucionalizando um clima de histeria generalizada entre os cubanos que favorecia o surgimento de um Estado anti-democrático. “Descobrimos que Fidel não permitiria oposição legal à sua liderança, porque concluímos que estávamos vivendo não num tempo de legalidade, mas de FIDELidade”<sup>20</sup>

Segundo Debray, o treinamento para a guerra clandestina, considerada por Fidel Castro como uma “formalidade”, valia como um certificado de qualificação e de iniciação para os futuros revolucionários: “Assim foi como conheci muitos grupos a prova nas quatro cantos da ilha, cada um esperando o dia D de um desembarque ou de uma infiltração, sempre iminentes e sempre rechaçados”<sup>21</sup>.

Os veteranos de uma luta clandestina, seja onde seja, raramente resultam bons democratas respeitosos dos procedimentos. Visto desde dentro, esse estado de guerra clandestina perpetuada, com o que supõe de determinação, de rapidez, de execução e de compartimentação, fazia com que nos parecesse natural, quando não francamente desejável, a ausência de liberdade<sup>22</sup>.

Esse constante estado de guerra, alimentando a atmosfera política cubana, contrapunha-se à concepção romântica da revolução exportada pela ilha caribenha

---

<sup>19</sup> DEBRAY, 1999, op. cit. p.58

<sup>20</sup> FRANQUI, op. cit. p. 70

<sup>21</sup> DEBRAY, 1999 op. cit. p. 67

<sup>22</sup> DEBRAY, 1999 op. cit. p.127

para todo o continente. A manifestação desse espírito revolucionário no interior da revolução cubana demonstrava tanto o seu caráter romântico rebelde, como a vontade da mesma representar um período histórico, atravessado por sentidos tão contraditórios.

Nikita Krushev, líder da União Soviética durante a década de 1960, no auge da Guerra Fria, identificava na experiência cubana um movimento revolucionário heterodoxo que, mesmo indiferente à ideologia do proletariado, encaixava-se perfeitamente em sua redefinição da estratégia político-militar soviética. Segundo Krushev, Cuba havia demonstrado que um país poderia alcançar o socialismo sem a mediação de um conflito internacional, contribuindo para a legitimação da tese soviética da “coexistência pacífica”. Essa tese buscava preservar a paz entre as duas superpotências, sem paralisar o movimento revolucionário mundial, proporcionando o surgimento de novas unidades socialistas ao redor do mundo. Essa tese, segundo Rodriguez Elizondo, respondia as acusações feitas pelos chineses de que os soviéticos eram agora favoráveis ao pacifismo burguês ou eram revisionistas. A tese da “coexistência pacífica” supunha um mundo mais flexível, com espaços residuais que permitiriam o surgimento de guerras revolucionárias localizadas, que não incomodariam os Estados Unidos<sup>23</sup>.

Entretanto, para o governo norte-americano, Cuba representava o encontro de duas tendências perigosas para a segurança do seu país: o nacionalismo extremo com o socialismo, surgindo daí o castrocomunismo. A aproximação dos cubanos com os soviéticos demonstrava apenas que a tese da “coexistência pacífica” visava bloquear a iniciativa norte-americana para combater a subversão nas regiões onde os seus interesses fossem ameaçados<sup>24</sup>. Desse modo, cabia aos Estados Unidos assumir uma estratégia político-militar que privilegiasse o embargo econômico para a ilha e patrocinasse a contra-insurgência em Cuba e em toda a América Latina, impedindo o avanço soviético na região.

Historicamente dependente da exportação de açúcar para os Estados Unidos, a economia cubana, com a ameaça do embargo norte-americano, encontrou na União Soviética o parceiro ideal tanto para o escoamento da sua produção açucareira, como para o enfrentamento com os Estados Unidos no continente.

---

<sup>23</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 30

<sup>24</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 33

A economia cubana subordinava-se de tal sorte ao mercado norte-americano que desapareceria, reduzindo-se a zero e mesmo, se possível, a menos que zero a renda per capita de seu povo, da ordem de US\$ 402 àquela época, se as exportações para os Estados Unidos cessassem inteiramente, sem compensações em outras áreas[...] Àquele tempo, embora numerosos países, sem incluir os da Europa Oriental, tivessem condições, isoladamente ou em grupo, de suprir os bens e serviços de que Cuba necessitava, poucos poderiam aumentar significativamente suas importações de açúcar, de modo a equilibrar a balança comercial<sup>25</sup>

Com a aproximação de Nikita Krushev, o dirigente máximo da então União Soviética, e com a confirmação de que a ilha precisaria do apoio soviético para sobreviver às constantes hostilidades norte-americanas, não restava outra saída para Fidel Castro e seus comandantes a não ser aproximarem-se dos soviéticos e do marxismo-leninismo, buscando preservar sua revolução e seu poder, mesmo que essa aproximação contrariasse sua política de não-comprometimento ideológico.

[...]àquela época Fidel Castro, como a figura dominante no regime revolucionário de Havana, não estava disposto a aceitar diretrizes de nenhuma fonte estrangeira e não tinha intenção nem de compartilhar o poder nem de abandonar seu anunciado objetivo de desenvolver uma 'terceira força' neutralista, associando Cuba aos países da América Latina, Ásia e África<sup>26</sup>.

Além da hostilidade norte-americana, a ilha caribenha tinha que lidar com suas próprias limitações físicas. Cuba, uma ilha de proporção reduzida, ainda estava a uma pequena distância do seu principal inimigo. A superioridade norte-americana e a necessidade de sobrevivência da revolução — mais especificamente do seu líder máximo — tornava fundamental a difusão do ideal de sacrifício nos espíritos dos jovens rebeldes latino-americanos. Nesse caso, diante da realidade, os sacrificados não seriam os inimigos da revolução, e sim os próprios cubanos, e todos aqueles que os seguissem.

Para Fidel Castro, o apoio dos soviéticos, e sua leitura da revolução cubana como movimento integrado à onda revolucionária que então se desenvolvia pelo

---

<sup>25</sup> MONIZ BANDEIRA, op. cit. p. 219-220

<sup>26</sup> Ibid., p. 223

mundo, qualificava a experiência cubana como legítimo modelo revolucionário perante a esquerda ortodoxa. Desse modo, Fidel Castro tornou-se um desses entusiastas que forçaram coincidências e homogeneidades entre os países da África, Ásia e América<sup>27</sup>, apropriando-se de uma retórica terceiro-mundista a fim de unificar, sob o seu comando, os movimentos revolucionários que ameaçavam os interesses das economias capitalistas nos países vítimas do imperialismo. Carlos Franqui, opositor ferrenho de Fidel Castro, ao analisar essa aproximação do líder cubano com a União Soviética no início da década de 1960, afirma

O futuro, reforma ou revolução, seria determinado pela posição adotada pelos Estados Unidos, não segundo o desejo de Fidel. Pessoalmente, eu não estava preocupado com a reação dos Estados Unidos porque já sabia que seria violenta, mas me preocupava o retrocesso pró-soviético que iria acontecer em Cuba e a possibilidade de que Fidel se aliasse completamente à União Soviética caso houvesse um rompimento com os Estados Unidos. Muitos de nós enxergavam os perigos existentes na estrutura burocrática soviética, que combina tão bem com o militarismo e o caudilhismo de um homem como Fidel Castro<sup>28</sup>

Tornava-se necessário, para Fidel Castro e seus seguidores, o desenvolvimento de um arcabouço teórico que transformasse a experiência cubana em um novo paradigma revolucionário, que submetesse a esquerda tradicional e fornecesse para a esquerda radicalizada uma referência revolucionária terceiro-mundista no continente. Quanto mais aumentavam as hostilidades norte-americanas para com a ilha, mais o modelo revolucionário cubano se legitimava perante a esquerda. Essa legitimação não se baseava no poderio militar cubano, que era indiscutivelmente limitado se comparado à força bélica norte-americana, mas sim na difusão de valores morais associados a uma noção de luta armada e de sacrifício revolucionário, sacrifício esse constantemente reivindicado por Che Guevara.

O papel desempenhado por Régis Debray é de fundamental importância para a consolidação desse arcabouço teórico no interior da esquerda latino-americana. O pensador francês, com o apoio de Fidel Castro, influenciaria a extrema esquerda regional na década de 1960, a partir de sua síntese das teses guevaristas. Sua participação na guerrilha boliviana ao lado de Che Guevara, associada à publicação

---

<sup>27</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p.

<sup>28</sup> FRANQUI, op. cit. p. 78



de textos-chave da época, como *Revolução na Revolução*, contribuiu profundamente para a legitimação de sua imagem como ideólogo da revolução cubana.

Além de Régis Debray, outros intelectuais influenciaram decisivamente os caminhos percorridos pela esquerda latino-americana após a revolução cubana. Os intelectuais de esquerda, além de contribuírem decisivamente para a difusão do modelo revolucionário cubano durante a década de 1960, ampliaram cada vez mais sua participação na política regional. Mesmo antes da experiência cubana, eles já discutiam sobre questões como o nacionalismo e a ingerência dos Estados Unidos nos assuntos internos da região, e sua influência se fez sentir no interior da esquerda armada a partir de contribuições teóricas que legitimavam a nova teoria revolucionária que então surgia. A esquerda intelectual regional, embora nunca tenha ditado políticas que fossem executadas de maneira concreta,

[...]exerceu grande influência na preservação de seus resultados e de seu legado na mentalidade dos cidadãos. Nos anos 60, quando a revolução cubana foi totalmente isolada, coube aos intelectuais substituir, em grande parte, governos e embaixadas. Todo intelectual latino-americano digno de sua pluma, sua tela ou suas canções fez, em um momento ou outro, sua peregrinação a Havana<sup>29</sup>

Formado na tradição marxista francesa, em *Revolução na Revolução*, Régis Debray desenvolve uma leitura marxista da revolução cubana a partir de uma perspectiva nacionalista, influenciado pelas teses de Che Guevara, um dos poucos sobreviventes do Granma que conhecia e simpatizava com o marxismo-leninismo, e pelas teorias da esquerda radicalizada. Anos depois, em sua autobiografia, Régis Debray afirmaria o caráter nacionalista inerente à revolução cubana, elemento fundamental para a compreensão do amplo respaldo que a experiência cubana obteve dentro da esquerda latino-americana.

[...]se bolivianos e cubanos não se haviam encontrado, nem sequer na guerrilha; se, sendo europeu, havia tido tanta dificuldade para me aceitarem[...] é que a revolução não bastava para construir um solo comum, a grande pátria dos apátridas[...] A supranacionalidade não é assunto de vontade, não se elege uma comunidade como um relógio em uma vitrine. Em cada um desses filhos de Bolívar falando

---

<sup>29</sup> CASTANHEDA, Jorge. **A Utopia Desarmada**: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 159

marxista começava a ver o patriota que se ignora.[...]No fundo, esses guerrilheiros, essas lutas armadas, protestavam contra a ausência de um Estado Republicano, ou simplesmente de um Estado<sup>30</sup>.

Essa esquerda, ao apreender no conceito de revolução o próprio sentido de existência da América Latina, compreendia que a superação dos problemas sócio-econômicos da região ocorreria por meio de um salto do atraso para o moderno. Para isso, era necessário um Estado interventor, agente do desenvolvimento econômico capaz de orientar a nação em direção ao modelo de sociedade almejado pela extrema esquerda; esse Estado, no caso cubano, além de se identificar com a imagem de Fidel Castro, tornava-se cada vez mais essencial na vida da população da ilha caribenha.

Entretanto, se a expectativa em torno da revolução cubana contribuiu para agregar ao redor da ilha uma ampla maioria da esquerda regional, tal mobilização a favor dos cubanos não foi suficiente para impedir a desagregação no interior da própria esquerda, a partir da década de 1960. A revolução cubana não trouxe apenas um novo fôlego para a esquerda latino-americana. O triunfo dos cubanos testemunhou o advento de um novo modelo revolucionário, que se contrapunha aos outros modelos políticos de esquerda vigentes na região, algo que contribuiria, entre outros fatores, para a desarticulação da esquerda latino-americana. A identificação da revolução cubana com o comunismo se deu na medida em que a hostilidade norte-americana forçava uma aproximação entre Cuba e a União Soviética, o outro pólo de poder durante a Guerra Fria. Contudo, essa aproximação de correntes tão distintas como o nacionalismo e o comunismo, refletida no modelo revolucionário cubano, demonstrava uma visível contradição entre os cubanos e os soviéticos já que, ao mesmo tempo em que acusavam os comunistas locais de reformistas, os cubanos mantinham relações privilegiadas com os soviéticos e, por outro lado, foram substituindo gradativamente os líderes do movimento 26 de julho pelos comunistas cubanos no governo.

Além dos partidos comunistas regionais, fiéis seguidores da cartilha soviética, o modelo político chileno, desenvolvido por Salvador Allende e pela Unidade Popular, representava um obstáculo à hegemonia do paradigma revolucionário

---

<sup>30</sup> DEBRAY, 1999 op. cit. p. 157-158

cubano no seio da esquerda regional. A esquerda chilena, no final da década de 1960, orbitou em torno do projeto político do socialista Salvador Allende e da Unidade Popular—coalizão de esquerda que constituía a base política de Allende nas eleições presidenciais de 1970—, onde se propunha uma transição para o socialismo sem uma ruptura institucional, favorecendo o desenvolvimento de um socialismo democrático no Chile.

Em termos sintéticos, a via chilena de Allende dependia—e defendia, precisamente e a um só tempo—da democratização e da solidez das instituições estatais. A vitória eleitoral e principalmente sua posse demonstravam, transcorrido um ano de governo, que isso era possível no Chile. De qualquer forma, as referências de Allende à via democrática como a opção que a esquerda chilena deveria assumir integralmente, os conteúdos programáticos presentes na plataforma de governo, bem como o que supunha a sua visão acerca da estratégia global da Unidade Popular acabaram por selar uma identificação: a experiência chilena[...] passa a ser vista como uma experiência prática de aplicação da via democrática ao socialismo<sup>31</sup>.

Ao proporem uma transição para o socialismo por meios pacíficos e legais, os chilenos indicavam para a região a possibilidade de pensar um modelo de sociedade distinto do modelo cubano. As sucessivas derrotas das guerrilhas camponesas inspiradas pelo foquismo, na primeira metade da década de 1960, constituíram um duro golpe para a esquerda radical e para os cubanos. O fracasso dessas guerrilhas, além de abrir espaço para o questionamento do modelo revolucionário cubano na região, representava uma séria ameaça ao papel de liderança regional exercido por Fidel Castro, que se sentia ameaçado pelo possível sucesso do projeto político do governo Allende. A “via pacífica” chilena, ao privilegiar o pluralismo partidário e ideológico, também incomodava os soviéticos, que temiam o fortalecimento de grupos opositores contrários à ditadura imposta pelo Partido na própria União Soviética. Para Fidel Castro, a presença comunista no governo Allende servia como desculpa para acusar o projeto político chileno de reformista burguês, por privilegiar uma transição por etapas, ao invés da transição por meio das armas. O resultado desse conflito de projetos políticos seria observado em

---

<sup>31</sup> AGGIO, Alberto. **Democracia e Socialismo**: a experiência chilena. São Paulo: Annablume, 2002, p. 22

1973, com a queda de Salvador Allende e com a emergência de uma ditadura extremamente violenta no Chile.

Tanto os soviéticos como os comunistas latino-americanos, seus representantes locais, não possuíam um conhecimento profundo da realidade do continente. Essa situação impedia que os comunistas pudessem responder satisfatoriamente a perguntas específicas acerca da região como, por exemplo, a questão da “dependência”, a estrutura das classes sociais, a especificidade dos setores médios, a possibilidade do “continentalismo”, entre outras questões. Desse modo, a esquerda radicalizada, com seu sistema ideológico improvisado, encontra um espaço para reivindicar a posição de representante da esquerda no continente, posição essa até então ocupada pelos partidos comunistas tradicionais. Diante da impossibilidade de reunir em uma teoria todos os pontos defendidos pela extrema esquerda—já que as teses adotadas eram baseadas em leituras superficiais do marxismo e eram aplicadas na base do improvisado—e sem uma tradição política que lhe permitisse a interiorização de seu conteúdo ideológico, a esquerda radicalizada buscou legitimar-se a partir de uma teoria reducionista que se afirmava pela contradição com o marxismo-leninismo dos partidos comunistas locais<sup>32</sup>

[...] enquanto revolucionários ‘em ação’, os ultra-esquerdistas se percebem destinados a reivindicar a teoria da ação revolucionária, despojando dela a quem consideram como revolucionários somente ‘na teoria’. Nisso tudo existe, ao menos em uma primeira etapa, a tendência da ultra-esquerda em definir-se mais pela negação do marxismo-leninismo alheio do que pela afirmação do marxismo-leninismo próprio<sup>33</sup>.

A repercussão da revolução cubana e sua disposição para incomodar os norte-americanos explicam, em parte, a expectativa gerada no seio da esquerda regional, que enxergava na experiência cubana um modelo de sociedade com uma predisposição natural para a expansão, capaz de compreender profundamente a realidade latino-americana, de superar a hegemonia norte-americana e de solucionar os problemas enfrentados pelo continente.

Entretanto, por mais que tivessem um inimigo em comum, essas forças de esquerda tiveram que lidar com as suas próprias contradições, provocando uma

---

<sup>32</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 132

<sup>33</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 133

cisão no seio da esquerda latino-americana, que se dividiria entre os que manteriam o seu apoio aos partidos comunistas e os que passariam a acompanhar a nova esquerda que surgia a partir de uma leitura reducionista da revolução cubana, o novo "motor" revolucionário do continente. "A esquerda como um todo [...] converteu-se à linha cubana ou dividiu-se entre pró-cubanos e o resto: ortodoxos, comunistas pró-soviéticos, defensores dos governos locais."<sup>34</sup>.

A extrema esquerda, profundamente inspirada pela revolução cubana e pelas teses de Régis Debray, compreendeu que, para se tornar a força hegemônica na esquerda regional, seria preciso adotar uma teoria simplista, capaz tanto de legitimá-la como de seduzir aqueles grupos que ainda não haviam optado por um lado da esquerda cindida. Desse modo, se apropria seletivamente de teorias de distintas correntes de esquerda, desenvolvendo uma combinação que lhes proporcionaria uma grande fluidez. Esses grupos radicalizados, segundo Rodriguez Elizondo

[...] levantam velhas teses do marxismo soviético dissidente conhecido como 'trotskismo'. Em especial as da 'revolução permanente' que são desenvolvimentos das teses de Marx sobre a revolução ininterrupta. Em consequência, afirmam o 'ritmo revolucionário permanente' de toda revolução nacional moderna, com o qual recusam a possibilidade de uma etapa democrático-burguesa prévia à edificação do socialismo[...] reformulam as críticas de Trotsky sobre a burocratização dos partidos comunistas de tipo soviético, sobre sua pretensão de medir o internacionalismo socialista pelo grau de adesão à União Soviética e sobre a substituição da vontade do proletariado pela do Secretário Geral. Acolhem com entusiasmo as posições agrárias do marxismo-leninismo-stalinismo chinês e se identificam com 'o pensamento de Mao', enquanto translada o centro da revolução mundial desde o campo socialista ao mundo subdesenvolvido—ao Terceiro Mundo—por métodos contestadores à coexistência pacífica. Fundamentalmente, concordam com a frontal denúncia maoísta do 'revisionismo' soviético, que confirma suas apreciações sobre o 'aburguesamento' da União Soviética e a burocratização dos partidos comunistas que a reconhecem como guia e orientadora<sup>35</sup>.

Para Fidel Castro, o sucesso da esquerda radicalizada no continente era fundamental para a sobrevivência de sua revolução e do próprio líder cubano enquanto liderança regional. Desse modo, o guevarismo, base teórica da revolução cubana, sintetizado por Régis Debray, que escreveu sua obra a partir do contato

---

<sup>34</sup> CASTAÑEDA, op. cit. p. 69

<sup>35</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 135

com os principais líderes revolucionários cubanos e com Che Guevara, contribuiu decisivamente para a difusão do paradigma revolucionário cubano no seio da esquerda latino-americana a partir da década de 1960. Inspirada pela ilha caribenha, a esquerda radicalizada torna-se uma espécie de extensão da revolução cubana no continente, contribuindo ainda mais para o processo de radicalização do cenário político latino-americano. O apoio do líder cubano constituía, para os grupos armados de esquerda, o reconhecimento dos mesmos como legítimos representantes da esquerda no continente. A manutenção de relações privilegiadas com a ilha representava um importante fator de legitimação para a esquerda radicalizada.

[...] ao longo dos anos 60 e início dos 70 e praticamente em todo o continente foram surgindo grupos que comungavam com a revolução cubana, com suas táticas, estratégias e teorias, e que se converteram em importantes atores no cenário político de cada país. Em nenhum país latino-americano a esquerda local deixou de ser influenciada por Cuba.<sup>36</sup>

Mesmo antes da subordinação da ilha caribenha à estratégia política da União Soviética, a revolução cubana já havia gerado uma dinâmica que estava além do seu controle, na medida em que a extrema esquerda ativada pelos cubanos passara a atuar a partir de uma leitura ideológica e superficial dos fenômenos históricos contemporâneos, favorecendo a tendência a uma construção mitológica da realidade. Desse modo, partindo da experiência proporcionada pela revolução cubana, a extrema esquerda desenvolve uma série de premissas teóricas que constituiriam a sua base ideológica. Segundo Rodriguez Elizondo e Jorge Castanheda, o arcabouço teórico da extrema esquerda giraria em torno de seis teses: a que afirma o caráter continental da revolução, onde se supõe existir características sócio-políticas comuns a todos os países da região que, deixando de lado as especificidades de cada país, permitiriam o desenvolvimento de uma revolução por todo o continente; a tese de que a revolução continental seria socialista, ou seja, qualquer ação no sentido de favorecer uma política de desenvolvimento que não privilegiasse uma transição direta ao socialismo, que se perdesse nas “etapas desenvolvimentistas”, estaria condenada ao fracasso.

---

<sup>36</sup> CASTANHEDA, op. cit. p. 69

A terceira tese estabelecia a luta armada como único caminho para o triunfo da revolução continental. Nesse sentido, tal leitura representa uma clara oposição a qualquer projeto político de esquerda que privilegiasse a via pacífica como alternativa viável para se alcançar uma sociedade socialista na América Latina. A quarta tese ratificava a pequena burguesia ilustrada da região como a nova classe revolucionária capaz de conduzir as massas no processo revolucionário continental, substituindo a classe operária como vanguarda política. Essa percepção da pequena burguesia como classe revolucionária foi trabalhada principalmente por Régis Debray, em *Revolução na Revolução*, contribuindo para a difusão da concepção do “punhado de homens”, estudantes, intelectuais e profissionais, como uma espécie de vanguarda reduzida que substitui os representantes de um proletariado que já não pode se converter em um agente ortodoxo da revolução socialista<sup>37</sup>. A tese seguinte afirma que a revolução socialista continental só reconheceria alianças revolucionárias, contrapondo-se a qualquer aliança de classe

De tudo isso deduzia-se que a principal aliança para a revolução teria de ser formada entre os grupos mais desiguais e superar a brecha da grande cisão entre o campesinato rural—lingüística, geográfica e etnicamente isolado—e os estudantes da classe média urbana. A expedição de Che Guevara à Bolívia foi um exemplo extremado disso. O corolário dessas hipóteses e a premissa básica da ‘teoria do foco’ era que o campesinato constituía o setor da sociedade com maior potencial revolucionário, e não as classes operárias urbanas, pequenas e cooptadas. A burguesia era um títere do imperialismo, e os operários, seus esbirros<sup>38</sup>.

Por fim, a última tese representava uma crítica direta à União Soviética e os partidos comunistas regionais a ela submetidos, ao declarar a incapacidade desses partidos para conduzirem a revolução continental, por serem reformistas e submissos às elites governamentais. A extrema esquerda regional, inspirada pelos cubanos e pelo foquismo de Régis Debray, buscou definir uma fronteira com contornos mais nítidos que estabelecesse uma separação entre o seu projeto político e o projeto político comunista para a região. Ao afirmar o caráter armado da revolução, a inviabilidade de uma aliança de classes no processo revolucionário e ao acusarem os partidos comunistas locais de reformistas, a extrema esquerda passou

---

<sup>37</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 145

<sup>38</sup> CASTANHEDA, op. cit. p. 71

a reivindicar uma pureza ideológica que a legitimaria como a única detentora de uma essência revolucionária—até então adormecida devido a inércia dos partidos comunistas—necessária para o triunfo da revolução no continente. Desse modo, os grupos armados surgidos a partir da esquerda radicalizada e inspirados pela revolução cubana, representaram uma clara reação aos partidos comunistas regionais.

[...] o continente inteiro presenciou o surgimento de ‘focos’ guerrilheiros, ou seja, de pequenos grupos de militantes armados nas serras e nas selvas, consequência lógica e inelutável da adoção por parte da revolução cubana dos pontos de vista esboçados. Não se tratava tanto de os cubanos estarem exportando a revolução ou apoiando as atividades desses grupos. Na verdade, sua contribuição ao surgimento de ‘foco’ foi mais uma questão de ideologia e exemplo. Se Fidel, Che e Raúl haviam derrotado a ditadura de Batista graças à ação militar de um grupo inicialmente minúsculo de militantes audazes, a reprodução da tentativa era possível e até inevitável<sup>39</sup>.

Se as condições necessárias para o triunfo da revolução continental estavam dadas, faltavam apenas os revolucionários. Esses, inspirados pelo exemplo dos cubanos—principalmente de Fidel Castro e de Che Guevara, os mitológicos líderes da revolução cubana—deviam compreender a revolução como um valor moral, um dever de todo revolucionário. Partindo dessa perspectiva, a extrema esquerda entendia que não havia tempo a perder com formulações teóricas, muito menos com o trabalho político no interior das massas. Essas, naturalmente, seguiriam os revolucionários com o tempo, concomitante com o avanço da revolução; sua participação no processo revolucionário seria desnecessária inicialmente já que os revolucionários, conscientes de que as condições para o triunfo da revolução existiam em todo o continente, imaginavam que seriam capazes de fazê-la independentemente de quaisquer outras considerações. Não importava o fato dos revolucionários estarem em menor número, bastava apenas que os mesmos manifestassem uma atitude revolucionária por meio das armas, para que o sucesso da revolução fosse inevitável. Essa visão utópica e militarista da realidade continental se alimentava, segundo Debray, de uma predisposição natural na região,

---

<sup>39</sup> Ibid. p. 72



desde os tempos dos conquistadores espanhóis, para os grandes feitos, a partir de condições adversas

[...]devíamos liberar um continente. Isso teria sido presunção em qualquer outra parte, porém, a história latino-americana não se rege pelas normas comuns; uns poucos loucos intrépidos são suficientes ali para pôr tudo de pernas para o ar. Já estava na ordem de grandeza microscópica dos Libertadores. Um advogado apoderou-se de um país de sete milhões de habitantes com os efetivos de uma companhia; e um insolente, Bolívar, de um continente de trinta milhões de habitantes, em 1811, com um regimento. Tudo seria, então, “nas margens misteriosas do mundo ocidental”, questão de vontade e de tática? Tudo não, porém muito[...] Com seiscentos homens e dezesseis cavalos, Cortés pulverizou não somente um império mas também uma civilização; com cento e oitenta homens e trinta e sete cavalos, Pizarro quebrou a pirâmide do império inca, decapitando-a[...] Desde 1520 até 1960, essa história caótica nos mostra uma mesma defasagem entre sujeito de fato e sujeito de direito das convulsões sociais; entre a “vanguarda” e as “massas”, entre o pequeno motor e o grande movimento<sup>40</sup>.

A ausência das massas no processo revolucionário, além de refletir as aspirações de homogeneidade social da esquerda radicalizada para a região, demonstrava que o processo revolucionário almejado por essa nova esquerda nada tinha de democrático. O sistema partidário, instrumento próprio para as soluções políticas negociadas em qualquer regime democrático, estava vinculado, segundo esses grupos armados, a uma política reformista e a uma concepção burguesa de democracia. Esses partidos, por estarem envolvidos no jogo das classes dominantes, deviam ser eliminados, abrindo caminho para o surgimento de um novo partido único, capaz de representar os verdadeiros interesses das classes exploradas. A noção de democracia só teria validade enquanto estivesse submetida à revolução, ou seja, enquanto servisse como discurso legitimador para a construção de uma sociedade socialista a partir de uma nova forma ditatorial<sup>41</sup>. Nesse sentido, os comunistas, por mais que fossem acusados de reformistas pela extrema esquerda, poderiam fornecer as respostas para essa sociedade futura a partir de sua capacidade organizacional e de formação de quadros, necessários para o desenvolvimento do novo partido único.

---

<sup>40</sup> DEBRAY, 1999 op. cit. p. 82

<sup>41</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 152

Como disse Debray, o novo partido dirigente deve estar isento de todo 'vício deliberante' e, ainda que atue revolucionariamente, deve se esquecer da democracia interna e resignar-se à 'abolição temporal do centralismo democrático'. Em nenhum momento se explica como pode o 'partido novo' surgir perfeito, como uma Minerva guerrilheira da cabeça de um foco. Isto é, como pode garantir, a partir de seu férreo verticalismo e de sua inexistente democracia interna, a construção de uma sociedade que sequer seja democrática para esse proletariado que empresta seu nome à nova ditadura<sup>42</sup>

Na metade da década de 1960, era um fato que a luta armada havia sofrido uma derrota a nível continental. Os grupos armados de esquerda, um por um, caíam diante da violenta repressão, que se tornara mais eficiente no decorrer dos anos. O fracasso das guerrilhas e uma leitura mais realista do cenário político latino-americano seriam por si só suficientes para demonstrar as limitações do guevarismo. Entretanto, a estratégia política cubana adotada para a região continuaria se alimentando da carne e dos ossos dos jovens latino-americanos assassinados pela repressão por mais alguns anos. Sua insensibilidade para com os seus sacrificados revelava o verdadeiro sentido do princípio do "sacrifício em nome da revolução".

A revolução cubana, além de somar-se a uma tradição política latino-americana de resistência por meio das armas, testemunharia e influenciaria o desenvolvimento dessa nova cultura política de esquerda a partir da crescente radicalização da esquerda regional no decorrer da década de 1960. Essa cultura política não apenas daria continuidade à tradição anterior, como também traria novos elementos ao seu conjunto referencial.

Nesse sentido, os caminhos percorridos por Régis Debray na América Latina, o seu contato com a esquerda radicalizada regional e com os revolucionários cubanos, suas teses abordadas em *Revolução na Revolução*, refletem um continente em ebulição, onde a idéia de revolução se manifestaria por meio de uma violência revolucionária que, por sua vez, constituiria um dos principais elementos dessa nova cultura política. A emergência desse impulso revolucionário no continente seria responsável tanto pela radicalização da esquerda regional como pela ativação de grupos paramilitares de direita que, apoiados pelos regimes militares, contribuiria ainda mais para a desarticulação das esquerdas e do cenário político latino-americano a partir da década de 1960.

---

<sup>42</sup> Ibid. p. 154

## **Capítulo 2 – A Revolução na Revolução e a teoria do foco**

A longa jornada da utopia cubana mobilizou uma importante parcela da esquerda latino-americana, tanto no plano ideológico — com as polêmicas entre os intelectuais, surgidas a partir de uma necessidade de relacionar as suas obras artísticas com um engajamento político favorável à revolução cubana e toda a sua carga revolucionária terceiro-mundista — como no plano da ação, com as guerrilhas que surgiram a partir da década de 1960 profundamente influenciadas pelos cubanos e pelo seu modelo revolucionário.

Régis Debray, discípulo do filósofo marxista Louis Althusser, sofria, assim como a intelectualidade de esquerda na década de 1960, de uma necessidade de alcançar em Cuba os seus anseios mais ardentes. Para a grande maioria da esquerda intelectual latino-americana e ocidental, Cuba, após o triunfo castrista, surgia como a própria encarnação do Éden bíblico, transformando-se, naturalmente, no centro de atração de toda uma geração de estudantes, políticos e intelectuais de esquerda. Uma geração de pensadores de todo o Ocidente, entusiasmados com a possibilidade de militância na América Latina pós-revolução cubana, reivindicando um protagonismo que lhes proporcionasse um maior espaço no cenário político da região, voltaram-se para os acontecimentos e para toda a mística que emanava da ilha caribenha.

Diante de um evento tão marcante como a Revolução Cubana, o questionamento a respeito do papel do intelectual na trama social ganhava cada vez mais atenção no espaço da própria intelectualidade engajada. Com o desenvolvimento do Estado de Bem-Estar Social na Europa pós-guerra — com um proletariado mais integrado ao sistema e cada vez menos revolucionário — e diante da crescente desconfiança para com os caminhos percorridos até então pelo socialismo real, os intelectuais da esquerda regional e mundial, críticos do capitalismo e do imperialismo, buscaram na América Latina criar os seus próprios laboratórios, sendo a revolução cubana o seu principal terreno experimental. Desenvolveram pelos cubanos e pelo seu processo revolucionário uma paixão

refletida em seus discursos idílicos sobre a realidade latino-americana, muitas vezes baseados em uma visão distorcida dessa realidade.

Jean Paul Sartre, por exemplo, marxista francês e intelectual engajado, defensor da experiência cubana e de seu projeto de sociedade ainda em desenvolvimento, em uma visita à ilha dos rebeldes castristas, refletia essa aproximação da esquerda do primeiro mundo com a revolução cubana. Além de atribuir aos líderes cubanos a criação de uma teoria da natureza humana, que conseqüentemente desencadearia o surgimento de uma nova espécie de ser humano — o Homem Novo — ele também atribuía à experiência cubana a responsabilidade de levar adiante a revolução, já que Cuba representaria um pólo revolucionário original onde seria possível realizar os sonhos dos intelectuais politizados. Segundo o crítico de arte cubano Ivan de La Nuez,

[...]Sartre incorre assim nessa demanda excessiva de responsabilidade à qual foi submetida essa ilha do Caribe: responsável por realizar a Revolução que os intelectuais ocidentais não haviam feito e, de passagem, cumprir com as expectativas de suas teorias. Responsável por construir o comunismo no jardim dos Estados Unidos. Responsável por transformar as relações humanas. Responsável por aparentar uma falta de ideologia. Responsável, enfim, pela esperança.<sup>43</sup>

No prefácio escrito por Sartre para o livro *Os Condenados da Terra*, do médico martinicano Franz Fanon, observamos a radicalidade do discurso do pensador francês ao abordar o conflito argelino, ex-colônia francesa que lutou na década de 1950 contra o domínio colonial. Ao criticar o “humanismo racista” europeu, cúmplice do colonialismo que Fanon então denunciava, Sartre adverte sobre a inversão de forças que se dá na medida em que o colonizado, o “indígena”, se apropria da violência como instrumento capaz de emancipá-lo não apenas do domínio francês, como também do seu próprio complexo de inferioridade, imposto pelo colonizador durante os anos de dependência. Segundo Sartre, é o próprio homem que se recompõe ao enfrentar a desumanização imposta pela violência colonial.

---

<sup>43</sup> NUEZ, Ivan de la. **Fantasia Roja**. Barcelona: Arena Abierta, 2006, p. 42

Nossas belas almas são racistas. Elas farão bem em ler Fanon. Ele mostra perfeitamente que essa violência indomável não é uma absurda tempestade nem a ressurreição de instintos selvagens, nem mesmo um efeito do ressentimento[...] as marcas da violência nenhuma doçura apagará, só a violência pode destruí-las. E o colonizado se cura da neurose expulsando o colonizador pelas armas. Quando sua raiva estoura, ele reencontra a sua transparência perdida, ele se conhece na mesma medida em que se faz.<sup>44</sup>

Publicado em 1961, mesmo ano da morte do seu autor, *Os Condenados da Terra* influenciaria não apenas Sartre, como também, posteriormente, Che Guevara e Régis Debray. Esses se apropriariam do livro de Fanon para justificar tanto o uso da violência a partir de uma perspectiva revolucionária, como para legitimar uma suposta relação fraternal entre a África, América e Ásia, baseada em um discurso revolucionário terceiro-mundista. Esses continentes, segundo essa leitura, por mais que vivessem conflitos com suas próprias particularidades, seriam vítimas da exploração dos países capitalistas do primeiro-mundo. Possuiriam um inimigo em comum a ser combatido: o Imperialismo — geralmente identificado com os Estados Unidos, então principal baluarte do capitalismo.

Fidel Castro, na Segunda Declaração de Havana, em 1962, é categórico ao defender a necessidade do eixo revolucionário terceiro-mundista América-África-Ásia contra o inimigo imperialista.

O que é a história de Cuba senão a história da América Latina? E o que é a história da América Latina senão a história da Ásia, África e Oceania? E o que é a história de todos esses povos senão a história da exploração mais implacável e cruel do imperialismo no mundo inteiro?[...] O movimento dos povos dependentes e colonizados é um fenômeno de caráter universal que agita o mundo e marca a crise geral do imperialismo.<sup>45</sup>

A crise do imperialismo resultaria em uma crise estrutural que afetaria não apenas o mundo colonialista, como também todos os países sob influência da metrópole-imperialista, gerando uma onda revolucionária mundial sem precedentes. Entretanto, essa apropriação do conceito de colônia por parte da esquerda latino-americana — em decorrência da orientação “tricontinentalista” dos cubanos — além

---

<sup>44</sup> FANON, Franz. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p.39

<sup>45</sup> SADER, Emir. **Fidel Castro: política**. São Paulo: Ed. Ática, 1986, p-64-67

de sua limitação para analisar com precisão o cenário político das sociedades “terceiro-mundistas”, considerando suas singularidades históricas, concebia a América Latina como uma sociedade primitiva, que passara simplesmente da dominação político-econômica da Espanha e de Portugal, para a dominação econômica e política norte-americana<sup>46</sup>.

Essa onda revolucionária influenciou profundamente os caminhos percorridos pelos intelectuais latino-americanos a partir da década de 1960. Na América Latina testemunhou-se a consolidação dos intelectuais como uma nova classe social, legitimada a partir de um discurso crítico que lhes proporcionava coesão entre seus pares e reconhecimento diante da sociedade. Segundo Cláudia Gilman, esses intelectuais julgavam-se como modelos universais, como representantes do gênero humano. Valorizando a política como elemento essencial para as suas práticas, os intelectuais de esquerda buscaram relacionar suas obras com o trabalho revolucionário<sup>47</sup>.

Antes de Debray, esses intelectuais radicalizados desenvolveram uma leitura desordenada da revolução cubana, feita a partir de documentos ou declarações dos dirigentes cubanos que ainda não constituíam a leitura oficial sintetizada posteriormente pelo pensador francês. Essa leitura feita a partir do idealismo dos intelectuais, segundo Rodriguez Elizondo, concebia a revolução cubana como um evento liderado por um punhado de homens, desvinculados de uma liderança partidária operária e com uma base social essencialmente camponesa. O socialismo cubano, partindo dessa perspectiva, reconheceria sua fonte teórica em um marxismo-leninismo vinculado com uma leitura latino-americana própria dos pensadores comunistas da região na década de 1920, principalmente com a obra do comunista peruano José Carlos Mariátegui. Essa leitura representaria um distanciamento em relação à retórica de manual imposta de fora, e sua defesa da luta armada contribuiria diretamente para questionar a tese da “via pacífica” formulada no XX Congresso do partido comunista soviético, em 1956.

Segundo Rodriguez Elizondo, essa visão exaltada da revolução cubana, considerando sempre a necessidade da luta armada contra o imperialismo e seus

---

<sup>46</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p.57

<sup>47</sup> GILMAN, Cláudia. **Entre La pluma y el fusil**: debates y dilemas del escritor revolucionário em América Latina. 1ªed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina,2003,p.15

representantes locais, abdicaria de uma análise crítica do complexo cenário político latino-americano, assim como das especificidades de cada país da região. Essa leitura simplista da revolução cubana contribuía apenas para desestabilizar os regimes políticos que ainda mantinham frágeis espaços democráticos — como o próprio Chile durante o governo de Salvador Allende, que sofreria as conseqüências dessa radicalização com o golpe em 1973—deslegitimando a esquerda no cenário político latino-americano. Ao analisar o significado dessa leitura da revolução cubana e sua apropriação pela esquerda radicalizada, o autor escreve

[...] seu entusiasmo só pode incrementar-se quando comprovam que a revolução cubana, ademais de marcar uma viragem a nível latino-americano, se transforma em um dos fenômenos políticos decisivos da época. O impacto na União Soviética, nos Estados Unidos e nas relações recíprocas das superpotências, demonstra que a microscópica Cuba projetou-se ao nível de um verdadeiro modelo mundial.<sup>48</sup>

Assim como Che Guevara, paroxismo do guerrilheiro revolucionário, Régis Debray buscava forjar as suas idéias a partir da ação. Juntou-se a Che Guevara na selva boliviana, perseguindo o seu ideal revolucionário. Para ele, não era suficiente observar de longe o projeto cubano para a América Latina, como um intelectual de gabinete que desenvolve uma perspectiva de determinado evento sem sair da sua torre de marfim, sem entrar em contato com a realidade. Desse modo, seduzido pela mística emanada da ilha caribenha, Debray entrou definitivamente na realidade cubana e latino-americana pela porta da frente, a convite do próprio Fidel Castro.

Tornou-se, assim, o mais conspícuo ideólogo da revolução cubana e um dos que mais influenciaram a esquerda radicalizada surgida na década de 1960. Entretanto, ao contrário de Sartre, que buscava apreender na particularidade da experiência cubana uma “revolução sem ideologias”, enfatizando o seu caráter utópico, Debray partia do princípio de que a revolução cubana seria o alicerce de uma outra revolução que, com uma proposta mais ousada, superaria os limites físicos da ilha caribenha e se espalharia por todo o continente americano.

---

<sup>48</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO. op.cit. p.41

Se Sartre se aproxima, filosoficamente falando, da Revolução cubana como uma 'revolução sem ideologia', Régis Debray busca, pelo contrário, justificar, pela via de Althusser, a teoria implícita da Revolução. Sartre está interessado na viagem que vai desde a teoria revolucionária até a particularidade prática da Revolução cubana. Debray prefere o caminho inverso: a expansão que vai desde a singular experiência cubana até a Revolução latino-americana, terceiro-mundista, mundial e permanente.<sup>49</sup>

Debray, ainda na casa dos vinte poucos anos, adquiriu o passaporte para a vida política ao envolver-se profundamente com o processo cubano e com seus dois principais representantes, Fidel Castro e Che Guevara. Com a chegada de Debray, a ideologia castro-guevarista começa a tomar forma na teoria do "foco". E, de uma insurgência bem sucedida, Cuba se transformaria na força motriz que guiaria o continente ao inquestionável caminho para a Revolução Latino-Americana.

Segundo Sartre, o conceito de revolução está atrelado ao princípio de universalidade, ou seja, um legítimo processo revolucionário seria aquele que se expandisse continuamente para além de suas fronteiras<sup>50</sup>. Nesse sentido, o conceito de revolução continental desenvolvido por Debray se aproximava do princípio de universalidade sartriano ao conceber a revolução cubana como um foco inicial de um processo revolucionário que se generalizaria por todo o continente latino-americano.

Autor chave da época, cujos textos foram publicados e comentados de maneira sistemática<sup>51</sup>, Régis Debray contribuiu fundamentalmente para a difusão do processo cubano nos países latino-americanos e no primeiro mundo. Em 1967, Debray publica, pela *Casa de las Américas*<sup>52</sup>, o livro *Revolução na Revolução*, que marcaria toda uma geração. Nessa espécie de "manual da luta armada", o autor lança as premissas de sua teoria do "foco", a partir de uma síntese dos textos de Che Guevara e Fidel Castro.

---

<sup>49</sup> NUEZ, op. cit. p.54

<sup>50</sup> SARTRE, Jean Paul. **O escritor não é político?**. Lisboa: Publicações Dom Quixote. s/d, p.20

<sup>51</sup> GILMAN, op. cit, p.84

<sup>52</sup> É importante observarmos que a editora *Casa de las Américas* publicou uma edição em português do livro *Revolução na Revolução* simultaneamente ao seu lançamento em língua espanhola. Isso demonstraria um possível interesse dos cubanos pelos grupos radicalizados brasileiros influenciados pela ilha caribenha. Entre esses grupos, destacavam-se as Ligas Camponesas e os grupos dissidentes do Partido Comunista Brasileiro(PCB), como a Ação Libertadora Nacional (ALN), liderada pelo comunista Carlos Mariguella, durante meados da década de 1960.



Em *Revolução na Revolução*, Régis Debray atribui à revolução cubana o papel de modelo revolucionário latino-americano e terceiro-mundista por excelência. Essa revolução, segundo o autor, deveria ultrapassar os seus limites físicos, se disseminando por toda a região. Desse modo, o sucesso da revolução continental desejada por Debray dependeria do desenvolvimento de guerrilhas camponesas — que surgiriam a partir de “focos”, grupos reduzidos de homens de origem pequeno-burguesa voltados para a ação revolucionária — no interior dos países latino-americanos. É a partir dessa premissa que Debray desenvolve o livro *Revolução na Revolução*.

No início do seu texto, o autor francês começa enfatizando que a experiência cubana tem sido apreendida a partir de categorias históricas que, ao invés de esclarecer o verdadeiro significado da revolução cubana, encobririam suas “lições fundamentais”.

O impacto da revolução cubana tem sido vivido e pensado, principalmente na América Latina, através de formas e esquemas já catalogados pela história, entronizados, consagrados. Por isso, apesar de todo impacto que provocou, o golpe foi recebido amortecidamente. Hoje, passada a euforia, se começa a descobrir o sentido próprio de Cuba, o alcance de seu ensinamento, que antes havia escapado. Uma nova concepção de guerra de guerrilhas vem à luz.<sup>53</sup>

Segundo o autor, uma das primeiras “lições fundamentais” da revolução cubana é a sua definição como revolução socialista, resultado da luta armada contra o poder armado do Estado burguês. Desse modo, o caráter essencialmente nacionalista presente desde o levante de Moncada e, conseqüentemente, desenvolvido no próprio movimento revolucionário cubano até o seu triunfo em 1959, sai de cena, assumindo em seu lugar uma leitura da revolução baseada na leitura dos teóricos soviéticos, onde se confirmaria que os pequeno-burgueses cubanos responsáveis pelo triunfo da revolução cubana sofreram, desde o início do seu movimento, um processo de “proletarização” que, além de situar Cuba sob a esfera de influência soviética durante a Guerra Fria, submetia a ilha ao socialismo marxista-leninista. Esse processo não apenas justificava a intervenção político-

---

<sup>53</sup> DEBRAY, Régis. *Revolução na Revolução*. Havana: Casa de las Américas, 1967, p.04

econômica dos soviéticos na ilha, como também representava a incorporação da revolução cubana e dos seus principais líderes ao movimento comunista mundial, ou melhor, à estratégia político-militar soviética pós-XX Congresso do PCUS. Michael Lowy segue o mesmo raciocínio, ao afirmar que a “proclamação da natureza socialista da revolução por Fidel em maio de 1961[...] foi apenas a sanção explícita e oficial de uma realidade existente”<sup>54</sup>.

O Partido Socialista Popular (PSP), nome do Partido Comunista Cubano antes do triunfo da revolução em janeiro de 1959, não havia desempenhado nenhum papel relevante em seu desencadeamento, caminhando em direção contrária aos processos de mobilização popular cubano<sup>55</sup>. Durante o episódio do assalto ao quartel de Moncada em 1953, primeiro ato insurrecional celebrado por Fidel Castro e os seus seguidores, o PSP responsabilizou-os pelo aumento da repressão do governo ditatorial de Fulgêncio Batista.

A estéril e equivocada – apesar dos bons propósitos que poderiam ter seus autores – intencional, cujo ponto culminante foram os assaltos ao quartel de Santiago de Cuba e Bayamo, facilmente derrotada pela maquinaria militar do regime de fato, foi utilizada pelo governo cubano como pretexto oportuno para acabar com a escassa legalidade democrática que ainda havia e para assestar fortes golpes ao movimento democrático de massas, que crescia naquele momento e ameaçava seriamente transformar todos os planos do governo.<sup>56</sup>

Esse distanciamento do partido comunista cubano ao processo de mobilização popular contra a ditadura de Batista que se desenvolvia diante dos seus olhos, desapareceu na medida em que os velhos quadros do partido comunista foram assimilados pelo governo de Fidel Castro, com o alinhamento cubano ao bloco soviético, e com o enquadramento de Fidel Castro e dos seus comandados à estrutura partidária comunista. A aproximação do Partido Socialista Popular com o governo de Fidel Castro ratificava a política do governo Krushev para o movimento revolucionário cubano, assim como a sua leitura dessa revolução. Segundo Castañeda, em Cuba

---

<sup>54</sup> LOWY, Michael. **O Marxismo na América Latina**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006,p.44

<sup>55</sup> MIRES, op. cit. p.330

<sup>56</sup> LOWY, 2006 op. cit. p.273

[...] o Partido Socialista Popular (PSP) só ocupou um lugar secundário na Revolução. Com o tempo superou seus conflitos iniciais com o MR-26 de Julio, de Fidel Castro e, à medida que foi crescendo a necessidade de entendimento com a União Soviética, a convergência de Fidel com o PSP tornou-se mais tangível. Mas a velha maquinaria stalinista não exerceu nenhum poder real nos anos da Sierra Maestra, nem na transição da guerrilha à ‘construção do socialismo’.<sup>57</sup>

Entretanto, segundo Debray, mesmo com essa aproximação dos comunistas cubanos com o governo de Fidel Castro, o caráter *sui generis* da revolução cubana permaneceria independente do alinhamento político com o bloco soviético. A crítica no início do livro toca justamente nesse ponto. Se a luta armada revolucionária, segundo o autor francês, encontra condições específicas em cada continente, a experiência cubana não apenas confirmaria essa tese, como também representaria um novo paradigma revolucionário. O sentido “próprio de Cuba” nos presentearia com uma “nova concepção de guerra de guerrilhas”, que seria um dos elementos essenciais desse novo paradigma revolucionário que então surgia.

Dispostos a se tornarem porta-vozes da revolução cubana—e mediadores de sua relação com a onda revolucionária que repercutia pelo mundo com a guerra no Vietnã e o processo de descolonização na África — os intelectuais latino-americanos desenvolveram uma rede de contato por meio de constantes publicações em revistas ou participações em congressos, nos quais se discutia a importância do intelectual como ator político capaz de transformar a sociedade unindo o seu talento artístico com o espírito revolucionário que emanava de Cuba. Antes de Régis Debray, estes intelectuais politizados foram responsáveis pela difusão dos símbolos da revolução cubana no imaginário da juventude latino-americana.

Entretanto, diante das responsabilidades para com a revolução, os intelectuais engajados se depararam com uma importante questão: a produção artística deveria estar atrelada apenas à apreciação subjetiva do intelectual, ou deveria servir unicamente aos propósitos da revolução? Ninguém melhor que o próprio Fidel Castro para esclarecê-los. Em *Palavras aos intelectuais*, o líder máximo cubano enfatiza a necessidade de priorizar a revolução acima de qualquer suspeita

---

<sup>57</sup> CASTAÑEDA, op. cit. p. 41

ou reivindicação por parte dos intelectuais. Aquele que questionasse as decisões tomadas pela liderança cubana poderia ser até um homem de bem, um homem honesto, mas não seria um autêntico revolucionário. A liberdade artística existiria apenas dentro da revolução. O verdadeiro intelectual revolucionário, guiado por um vago conceito de “povo”, colocaria a revolução acima de tudo, inclusive acima do seu próprio espírito criador. Segundo Fidel Castro, o “artista mais revolucionário seria aquele que estivesse disposto a sacrificar até a sua própria vocação artística pela revolução”<sup>58</sup>. A atitude revolucionária estaria atrelada às necessidades das classes oprimidas e exploradas do povo. Desse modo, as dúvidas se dissipariam pelo vento, eclipsadas pela responsabilidade revolucionária. Para os indecisos, caberia à revolução convertê-los.

O espírito criador do intelectual politizado poderia desenvolver-se apenas no campo revolucionário, caso contrário, esse intelectual perderia todos os seus direitos. Segundo o líder cubano, isso significava que “dentro da revolução tudo; contra a revolução, nada”<sup>59</sup>. A partir dessa perspectiva, o governo revolucionário — representante legítimo da revolução e dos interesses do “povo” — teria o direito de fiscalizar todos os meios de comunicação. Os abusos do governo, caso ocorressem, deveriam ser considerados como apenas manifestações das paixões humanas, não representando nenhum risco para a continuidade do processo revolucionário.

Pensem no combatente que morre lutando, sacrifica tudo que tem; sacrifica sua vida, sacrifica sua família, sacrifica sua esposa, sacrifica seus filhos, para quê? Para que possamos fazer todas estas coisas. E quem tiver sensibilidade humana, sensibilidade artística, não pensará que para fazer isso vale a pena fazer os sacrifícios que forem necessários?<sup>60</sup>

De acordo com o escritor uruguaio Mario Benedetti, presença constante na revista *Casa de las Américas* e em outras revistas de esquerda dirigidas pelos intelectuais radicalizados, o papel do intelectual latino-americano transformou-se profundamente nesse novo cenário político, permitindo uma maior exposição do intelectual e de sua obra para os seus leitores. A era do intelectual puro, segundo o autor, havia acabado na América Latina. A consciência do intelectual estaria agora

---

<sup>58</sup> SADER, op.cit. p.88

<sup>59</sup> Ibid. p.91

<sup>60</sup> Ibid. p.99

contaminada pela consciência do próximo. A liberdade artística, por mais que fosse defendida pelo escritor uruguaio, não poderia suplantam a responsabilidade humana do intelectual, já que o Novo Homem deveria unir-se com a sociedade.

Para seu bem ou para o seu mal, o escritor latino-americano[...] não pode fechar as portas para a realidade, e se ingenuamente procura fechá-las, pouco lhe servirá, já que a realidade entrará pela janela. Para o seu bem ou para o seu mal, o escritor latino-americano ficou fora dessa “cidade aberta” onde, por agora, só permanece a presunçosa neutralidade ideológica dos técnicos. É um risco, claro. Também é, porém, uma bonita ocasião para sentir a estimulante presença do próximo. Não a desperdicemos<sup>61</sup>.

Se esse modelo revolucionário latino-americano, como concebia Debray, valorizava a ação em detrimento da teoria, como ficava o intelectual nessa história? O papel exercido pelos intelectuais no cenário político latino-americano é fundamental para compreender o debate político-ideológico no seio da esquerda do continente. A disputa pelo direito de representar a classe operária e camponesa latino-americana colocava em lados opostos o comunismo stalinista, representado pelos partidos comunistas da região e acusado de burocrático pela extrema esquerda, e os intelectuais influenciados pelo guevarismo, com sua carga revolucionária e sua política de ruptura com a estrutura partidária. Segundo Rodriguez Elizondo, os intelectuais próximos dos partidos comunistas tinham por função legitimar o papel hegemônico dos trabalhadores manuais dentro e fora do partido gerando, com isso, uma mitologia “operária”. Os intelectuais latino-americanos, marcados pela tradição de relacionar suas criações genuínas com as teorias provenientes da Europa e dos Estados Unidos, criaram em suas versões de esquerda uma aliança operário-intelectual cheia de flutuações, gerando um conflito entre os dirigentes profissionais, de origem operária, e os intelectuais militantes de extração pequeno-burguesa. Nesse cenário, os intelectuais de esquerda se apoiariam sobre a sua capacidade de análise e de erudição. Os dirigentes, por sua vez, se apoiariam sobre os intelectuais cooptados, sobre sua origem operária e sobre o argumento de que dominariam o passado e as tradições do partido, criando uma base interna de poder fundada nos “funcionários do partido”, que tenderiam a

---

<sup>61</sup> BENEDETTI, Mario. Situación del escritor en América Latina. **Casa de las Américas**, Havana, nº45, 1967 p.36

reproduzir a estrutura hierárquica partidária. Desse modo, os intelectuais de base, em desvantagem diante do triunfo desses dirigentes, sofreriam com acusações anti-intelectuais, fundadas na “debilidade pequeno-burguesa”, em seu suposto individualismo, que os privariam de um maior contato com as “massas”, ou nos seus conceitos estranhos à ideologia do proletariado, que serviriam apenas para desorientar essas massas. As opções desse intelectual, segundo Rodriguez Elizondo, vão desde a resignação a uma participação limitada e suspeita dentro do partido, passando por uma militância ou por uma deserção passiva ou, finalmente, uma deserção ativa e combatente disposta a catalisar dissidências a fim de fundar novas organizações. Essa última opção foi escolhida pela esquerda radicalizada que surgiu na década de 1960, a partir de cisões no interior dos partidos comunistas regionais. Os intelectuais comunistas que optaram por esse caminho — como Douglas Bravo, na Venezuela, ou Carlos Mariguella, no Brasil — adotaram, paradoxalmente, um pragmatismo marcado por um forte anti-intelectualismo, próprio das organizações da esquerda radicalizada.

Sua racionalização descansa em uma série de afirmações que contemplam, por exemplo, a falta de uma genuína discussão interna, o segredo das discussões importantes, a unanimidade ritual das conclusões, a instrumentalização da militância[...] Para esses comunistas a ultra-esquerda lhes brinda a oportunidade de realizar um projeto similarmente revolucionário, em sua concepção teórica, porém sem uma burocracia-empecilho[...] A revolução cubana segue sendo um modelo válido, posto que não discrimina os intelectuais enquanto tais[...]<sup>62</sup>

Se para os partidos comunistas ligados à matriz soviética um “bom” intelectual era aquele que se subordinava à hierarquia partidária e a todas as suas “leis sagradas”, para Debray, e o guevarismo que ele então representava, o intelectual ideal seria aquele que partisse para a ação, que assumisse a “responsabilidade” de transformar a sociedade indo além do plano das idéias, ou seja, o mesmo deveria subordinar-se apenas à guerrilha rural e a sua luta armada. Nesse sentido, sem se esquecer de citar o nome de Fidel Castro para justificar a sua crítica ao modelo de intelectual pró-soviético, Debray escreve

---

<sup>62</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 221

Fidel atribuía a responsabilidade de certos fracassos guerrilheiros ao vínculo puramente intelectual com a guerra. Compreende-se: sem contar com a debilidade física, o desajuste à vida de campanha, um intelectual terá que encarar o presente com montagens ideológicas pré-formadas e vivê-lo através dos livros. Saberá menos do que os outros improvisar e inventar, ajeitando-se com os recursos disponíveis, decidir imediatamente uma manobra audaz, para sair de uma emboscada. Acreditando que já sabe, aprenderá mais devagar, sem flexibilidade.<sup>63</sup>

Mas o “irônico” disse tudo, continua o autor, é que a história quis que o papel de vanguarda fosse atribuído justamente a estudantes e “intelectuais revolucionários”, que tentam desencadear as “formas mais elevadas da luta de classes”. Contudo, se o próprio Debray compreende, logo no início do seu livro, que o movimento revolucionário na América Latina sofreu reveses significativos durante esse “período de arrancada e reajuste que atravessam todas as revoluções em seu princípio”, por que o autor insiste no argumento de que esses reveses foram pequenos? Por que Debray não reconhece que o movimento ao qual ele se referia sofria seriamente com a forte repressão militar que então se desenvolvia por todo o continente? Ao qualificar a revolução cubana como o modelo inquestionável de guerrilha, mesmo diante dos fracassos dos grupos guerrilheiros inspirados nas teses foquistas, Debray não está interessado em avaliar as limitações das suas próprias teses. Nesse caso, os responsáveis por esses reveses seriam as próprias guerrilhas que, em algum momento, não seguiram a cartilha cubana concebida pelo intelectual francês. Segundo o autor

[...]mais que os fracassos, há que falar de uma certa e explicável paralisação e falta de desenvolvimento rápido, conseqüência – entre outras coisas – dos desacertos e erros inevitáveis nesta etapa de exploração de uma concepção e de um método revolucionários novos, apesar de seu enganoso parentesco com outras experiências internacionais.<sup>64</sup>

Se o modelo cubano é inquestionável, é o modelo por excelência, não poderia haver outra explicação para esses “desacertos e erros inevitáveis”, que não fosse, segundo Debray, alguma limitação técnica dentro do próprio movimento revolucionário latino-americano. De acordo com a leitura desenvolvida pelo

---

<sup>63</sup> DEBRAY, op. cit. 1967 p. 06

<sup>64</sup> Ibid. p. 07

pensador francês, os reveses sofridos pela revolução cubana antes de seu triunfo seriam assimilados como parte da própria mitologia revolucionária que emanava de Cuba, ou seja, não importava se os próprios cubanos cometeram sérios erros durante e após a revolução, devido às contradições da experiência cubana. O que importava era demonstrar a qualquer custo a infalibilidade do foquismo e, conseqüentemente, da revolução que lhe servia de alicerce. Cuba, segundo Debray, deu a arrancada para a revolução armada na América Latina. Essa arrancada, realizada de “forma irreversível”, seria o “essencial”. Desse modo, partindo do princípio básico e também inquestionável da luta armada como única alternativa revolucionária, os guerrilheiros latino-americanos colocariam de um lado os “verdadeiros” revolucionários e, do outro, os “reformistas e futuros traidores”.

A revolução cubana oferece aos países irmãos americanos uma resposta que é necessário estudar nos detalhes de sua história: mediante a construção mais ou menos lenta, através da guerra de guerrilhas levada em zonas rurais mais propícias, de uma força móvel estratégica, núcleo do Exército Popular e do Estado Socialista<sup>65</sup>.

A “força móvel estratégica” surgiria a partir do “foco”, um grupo formado por um punhado de homens especializados, móveis, em deslocamento contínuo para evitar sua localização pelo inimigo, instalados no campo. De acordo com Che Guevara, “na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo”<sup>66</sup>. As guerrilhas que desencadeariam o processo revolucionário na América Latina surgiriam a partir do “foco”, sendo constituídas por camponeses guiados por uma “pequena burguesia esclarecida”. Segundo Che Guevara, esse guerrilheiro camponês, além de ter um conhecimento do terreno em que pisa, deveria ser um reformador social, um revolucionário agrário, que empunharia as armas respondendo ao protesto irado do povo contra seus opressores, que interpretaria os desejos “da grande massa camponesa de ser dona da terra, dona dos seus meios de produção”<sup>67</sup>.

Essa política de subordinação da cidade ao campo e de desqualificação da classe operária como vanguarda revolucionária, sendo esse papel atribuído aos

---

<sup>65</sup> DEBRAY, op. cit. 1967 p.09

<sup>66</sup> GUEVARA, Ernesto. **Obras completas**. v.1. Buenos Aires: Metropolitanas, 1984, p.27

<sup>67</sup> GUEVARA, Ernesto. **Guerra de Guerrilhas**. São Paulo: Edições Populares, 1987, p.16



camponeses, possuiria dois significados na teoria de Debray. Primeiro, que a “ação” — identificada com a guerrilha camponesa — subordinaria o “político” — identificado, por sua vez, com os partidos e com a cidade. Nesse sentido, segundo Franz Fanon, a tática e a estratégia se confundiriam: “a arte política se transforma simplesmente em arte militar. O militante político é o combatente. Fazer a guerra e fazer política é a mesma coisa”<sup>68</sup>.

O partido, de acordo com o foquismo, se detém muito na teoria, em detrimento da “prática”. Além disso, o partido revolucionário e sua direção política, por estarem localizados nas cidades, não responderiam rapidamente às necessidades das guerrilhas camponesas e, não possuindo experiência militar, desconheceriam os problemas técnicos da guerra. Se a guerra de guerrilhas é a essência política, não se opondo o político ao militar, logo não se pode conceber um quadro político “que não seja ao mesmo tempo um quadro militar”<sup>69</sup>. Com isso, em Debray, ocorre uma subordinação do braço político ao braço armado. Em segundo lugar, como o partido operário não conduz necessariamente o processo revolucionário na América Latina, sendo esse papel relegado à vanguarda guerrilheira camponesa; observa-se aqui uma desqualificação do proletariado como força-motriz da revolução. Essa “essência operária”, logo revolucionária, seria atribuída aos camponeses, classe de onde surgiria o “novo homem” a partir da luta armada no campo.

Franz Fanon, em sua análise do processo de descolonização no continente africano, acusa a máquina partidária de ser contrária a toda inovação, de afastar continuamente as massas rurais de uma orientação ideológico-revolucionária. A noção de partido, segundo Fanon, seria importada da metrópole. O operariado, afastado das massas rurais, agiria no vazio. Os partidos políticos, ao invés de disciplinar e educar essas massas — impedindo que a espontaneidade revolucionária das mesmas se desarticulasse devido a falta de uma unidade política —, preocupam-se apenas em enquadrar o campesinato em esquemas que desorientam as massas rurais e privilegiam um diálogo com o regime colonial, deixando de lado a opção pela luta armada e sua violência revolucionária. Esse

---

<sup>68</sup> FANON, op. cit. p.156

<sup>69</sup> DEBRAY, op. cit. 1967 p. 62

desinteresse dos partidos políticos pelos camponeses geraria uma desconfiança destes em relação aos “homens da cidade”.

Desse modo, o conflito campo-cidade, segundo Franz Fanon, seria o reflexo da oposição entre o colonizado excluído das vantagens do colonialismo e aquele que tira partido da exploração colonial<sup>70</sup>. Os “homens da cidade” que escolhessem lutar a favor dos camponeses, ao se deslocarem em direção ao campo, compreenderiam a impotência da cidade como palco da agitação política. De acordo com o autor

Esses homens adquirem o hábito de falar aos camponeses. Descobrem que as massas rurais nunca deixaram de levantar o problema de sua libertação em termos de violência[...] de luta nacional, de insurreição armada. Tudo é simples. Esses homens descobrem um povo coerente que se perpetua numa espécie de imobilidade, mas que conserva intatos os seus valores morais[...] Descobrem um povo generoso, pronto para o sacrifício<sup>71</sup>.

Tendo sempre a revolução cubana como paradigma, Debray considera que se o proletariado urbano não constitui a base da guerrilha camponesa, os “quadros” da luta armada não serão necessariamente operários, mas sim aqueles que aderissem e fizessem parte dela; uma base constituída em sua maioria por camponeses jovens, sem grande experiência política anterior à sua entrada na guerrilha. Influenciado principalmente pelas teses de Che Guevara, Debray enfatiza que o guerrilheiro rural — ao contrário do guerrilheiro urbano que mantém uma relação “artificial” com o meio em que atua, a cidade — ao manter uma relação muito mais próxima com o camponês e com o seu habitat, desenvolve uma nova percepção de mundo, transforma-se, na medida em que auxilia o camponês em suas atividades mais corriqueiras por meio do trabalho em comum no ato do plantio, da colheita, da caça, etc.

Ao contrário do guerrilheiro urbano, que não precisa produzir suas condições materiais de vida, já que as obtêm por meio de assaltos a bancos, “contribuições forçadas” ou mesmo por meio de uma simples compra em qualquer mercado da cidade, o guerrilheiro rural não dispõe de outros recursos além dos proporcionados

---

<sup>70</sup> FANON, op. cit. p.136

<sup>71</sup> Ibid. p. 151

pela natureza. Desse modo, esse “novo homem” preservaria sua “pureza”, não se corrompendo com os vícios próprios da cidade, “proletarizando-se” moral e ideologicamente<sup>72</sup>. Nas palavras de Michael Lowy, esse “homem novo” deveria ser

[...] um homem mais rico interiormente e mais responsável, ligado aos outros homens por um vínculo de solidariedade real, de fraternidade universal concreta, um homem que se reconhece na sua obra e que, uma vez quebrada as correntes da alienação, ‘atingirá a consciência plena do seu ser social, a sua total realização como criatura humana’.<sup>73</sup>

Entretanto, segundo Che Guevara, esse novo homem deveria passar antes pela institucionalidade revolucionária que, por meio da “seleção natural dos destinados”, permitiria que o guerrilheiro caminhasse junto com a vanguarda. Somente após essa “seleção”, quase uma manifestação bíblica onde apenas os justos possuiriam o seu lugar garantido no paraíso, esse novo homem, então socialista, alcançaria a plenitude já que, apesar da falta de meios apropriados, é no socialismo e no seu aparelho social que o homem se expressa e se faz sentir de modo infinito.

Desse modo, contraditoriamente, Che Guevara fala de um homem livre ao mesmo tempo em que o enquadra no partido — nesse caso o partido de vanguarda e não o partido comunista —, que o priva dos “lugares comuns da democracia burguesa”. Como esse homem alcançaria a consciência do seu ser social? Por meio da participação nos mecanismos de produção e por meio da educação técnica e ideológica. Quem educaria o povo? Segundo Che Guevara, essa função seria atribuída aos “homens do partido”, já que não existiriam artistas de grande autoridade capazes de assumirem tão importante missão. Mais uma vez, observamos a desqualificação do intelectual como ator social capaz de atuar dentro do modelo de sociedade concebido por Che Guevara. O principal argumento do guerrilheiro argentino é que o intelectual, por não ser autenticamente revolucionário, não possuiria uma suposta “autoridade revolucionária”, seja lá o que isso signifique:

---

<sup>72</sup> Para Debray, esse processo de “proletarização moral” desenvolvido por meio da guerra de guerrilhas opera sempre uma mutação profunda nos homens e em suas ideologias. Os guerrilheiros que passam da luta urbana para a luta rural sentem uma mudança de qualidade na atmosfera humana, na organização e até na análise política. CF. DEBRAY, Régis. **Ensayos sobre América Latina**. México: Editorial Era, 1969

<sup>73</sup> LOWY, Michael. **O Pensamento de Che Guevara**. São Paulo: Expressão Popular, 2003, p.44

“a culpabilidade de muitos dos nossos intelectuais e artistas reside no seu pecado original – não são autenticamente revolucionários”. Talvez Che não enxergasse no intelectual o grande “sentimento de amor”, guia do “verdadeiro revolucionário”, como ele acreditava, ou talvez soubesse o risco que representaria para o seu modelo revolucionário um intelectual mais crítico e menos fiel às leis do partido. Mesmo assim, o certo é que “em breve chegarão os revolucionários que entoarão o canto do homem novo com a autêntica voz do povo”; por mais que esse processo requeira tempo, segundo Che Guevara, “devemos criar o homem do século XXI, ainda que, contudo, seja uma aspiração subjetiva e não sistematizada”.

E ninguém melhor que o partido revolucionário para guiar a massa nesse angustiante e imprevisível processo. Se o partido é uma organização de vanguarda, os seus quadros deveriam dar lições de sacrifício e de aplicação ao trabalho para as massas, levando-as até o fim da tarefa revolucionária, o que implicaria anos de dura luta contra os “inimigos de classe”, contra o “imperialismo”, etc.

Não se trata de quantos quilos de carne se come ou de quantas vezes por ano se pode ir passear à praia, nem de quantos artigos supérfluos vindos do exterior se podem comprar com os atuais salários. Trata-se, precisamente, de que o indivíduo se sinta mais completo, com muito mais riqueza interior e com muito mais responsabilidade. O indivíduo do nosso país sabe que a época gloriosa que lhe cabe viver é de sacrifício e ele conhece o sacrifício.<sup>74</sup>

Como pedir para um povo que aceite sacrifícios, que se sinta completo, com mais riqueza interior e mais responsabilidade se nem a própria “carne”, o próprio sustento, esses indivíduos poderiam reivindicar? Será que Che Guevara imaginava que o novo homem se contentaria apenas com palavras de ordem ou com um vago sentimento de amor? De qualquer modo, segundo o guerrilheiro argentino, o verdadeiro revolucionário sabe os sacrifícios que o aguardam, sabe que deve consumir-se nesse exercício contínuo de sacrifício. Caso o seu afã revolucionário se esfrie, sempre existirão os dirigentes, os “homens do partido” que, unindo o seu espírito apaixonado à sua própria mente fria, tomarão as decisões dolorosas, porém necessárias, sem que nenhum músculo se contraia, reaquecendo, por bem ou por

---

<sup>74</sup> GUEVARA, Ernesto. O socialismo e o homem em Cuba. In: **Textos Políticos**. São Paulo: Global editora, 1986, p. 105

mal, o frágil espírito revolucionário do guerrilheiro cubano. Franz Fanon segue na mesma direção ao afirmar que a tarefa de tornar o povo “adulto” seria facilitada ao mesmo tempo pelo rigor da organização e pelo nível ideológico dos seus dirigentes<sup>75</sup>.

O principal homem do partido, o principal dirigente era, e continua sendo, sem dúvida, Fidel Castro, o líder máximo da revolução de 1959. O próprio Che Guevara enfatiza o papel de liderança inquestionável de Fidel Castro na revolução cubana e no movimento revolucionário latino-americano. Segundo o guerrilheiro argentino, Fidel deu à revolução o “impulso, a direção, o tom”, indo à frente da experiência cubana, seguido, hierarquicamente, pelos melhores quadros do partido e logo depois pelo “conjunto do povo”, indivíduos que tomaram consciência daquilo que é necessário fazer, homens que lutam para sair do reino da necessidade e entrar no reino da liberdade<sup>76</sup>. Sobre esse tema Castañeda escreve

A autoridade moral e o prestígio de Fidel Castro, associados à fascinação que exercia sobre todos os militantes intelectuais ou políticos latino-americanos que visitaram Havana nos primeiros tempos da Revolução Cubana, acabaram sendo a exportação revolucionária mais importante da ilha. As armas, o treinamento, o dinheiro e o equipamento apenas serviam de adorno.<sup>77</sup>

No início da experiência cubana, Fidel Castro surgia então como uma liderança carismática de uma revolução que ainda vivia seu período romântico, sendo reverenciada mundialmente pela esquerda na década de 1960 como um autêntico modelo revolucionário. Segundo Castañeda, o dirigente cubano converteu-se em uma figura mundial, e a posição de Cuba no cenário político “era uma fonte de dignidade para seu povo, de respeito para seu líder e de infinita irritação para seus inimigos”.<sup>78</sup>

Ao refletirem sobre o significado do partido de vanguarda, Régis Debray e Che Guevara concebem-no como um partido revolucionário não burocratizado, que não se esconde nas cidades, mas que possui uma liderança que combate lado a lado com os guerrilheiros camponeses. Essa percepção de partido de vanguarda

---

<sup>75</sup> FANON, op. cit. p.171

<sup>76</sup> GUEVARA, op. cit. 1986 p.107

<sup>77</sup> CASTAÑEDA, op.cit. p.73

<sup>78</sup> Ibid. p.50

correspondeu aos primeiros anos da revolução cubana, o seu período áureo, quando a mesma ainda respirava os ares nacionalistas de seus antepassados, surgindo aos olhos da esquerda mundial como um modelo revolucionário fortemente associado a um espírito de rebeldia e a um romantismo rústico inspirado na figura de Che Guevara e de seu punhado de homens barbudos. Esse cenário mudaria na medida em que os cubanos se aproximavam cada vez mais dos soviéticos e do seu modelo de partido extremamente hierarquizado. Nas palavras de Debray,

Situar a guerrilha sob a dependência estratégica e tática de um partido que não transforma radicalmente sua organização normal de tempo de paz, ou situar a guerrilha como uma ramificação do Partido, traz como consequência uma série de erros mortais.<sup>79</sup>

Uma liderança afastada da guerrilha no campo representaria, segundo o autor, um risco fatal para a luta armada, inviabilizando-a, já que a distancia física dessa liderança urbana resultaria em uma dependência logística da montanha com relação à cidade. O guerrilheiro rural, preso à ilusão de uma eventual ajuda “de fora”, perderia o princípio moral e político de não contar senão com as suas próprias forças.

A subordinação da guerrilha à direção política urbana desenvolve nos guerrilheiros não apenas uma situação real, mas também um complexo mental de inferioridade e dependência. Esperam tudo de fora: seus quadros políticos, as orientações, o dinheiro, as armas, até os planos das operações.<sup>80</sup>

Debray enfatiza, desse modo, não apenas a relação entre a política e a cidade, como já discutimos anteriormente, mas também a relação entre esses dois elementos com a burguesia, ao afirmar que quando a vanguarda guerrilheira fala com os seus representantes de fora, ou seja, urbanos, se dirige à burguesia. Essa associação política-cidade-burguesia, também relacionada com uma desqualificação do operariado urbano, deslegitimaria uma política de alianças entre a esquerda e as forças progressistas da região, valorizando, desse modo, um único caminho para a esquerda latino-americana, ou seja, a ação identificada com a violência revolucionária, com a luta armada. Segundo Che Guevara

---

<sup>79</sup> DEBRAY, op.cit. 1967 p.44

<sup>80</sup> Ibid. p.46

É fundamental precisar que nunca pode surgir por si mesma uma guerrilha suburbana. Terá nascimento depois que se criem certas condições necessárias para que possa subsistir, e isto mesmo indica que a guerrilha suburbana estará diretamente sob as ordens de chefes guerrilheiros em outras zonas. Portanto, a ação dessa guerrilha não será levar a cabo ações independentes, e sim de acordo com planos estratégicos preconcebidos, de modo tal que sua ação seja secundar a ação de grupos maiores[...]<sup>81</sup>

Nesse sentido, a ação torna-se monopólio da guerrilha camponesa, não restando para a resistência urbana nada mais que um papel secundário e subordinado no processo revolucionário. Mesmo quando Che Guevara admite um papel para a guerrilha urbana, ele concebe os membros dessa guerrilha como indivíduos marginalizados, como párias em suas cidades. A guerrilha suburbana, de acordo com o guerrilheiro argentino, seria um grupo de homens que já estivessem fora da lei, com formação de exército<sup>82</sup>.

Ao afirmar que a composição social do guerrilheiro deve se ajustar à zona eleita como centro de operações, Che Guevara celebraria o camponês como o melhor soldado, enfatizando que o guerrilheiro rural é um soldado que conhece o território de combate, e que leva sua casa nas costas, carregando consigo somente o necessário, sem depender de qualquer auxílio dos seus representantes burgueses urbanos. Demonstrando com isso o forte caráter militarista da revolução cubana, Che nos explica passo a passo, em seu manual de guerrilha, o cotidiano do guerrilheiro rural. O equipamento imprescindível para a sobrevivência no campo, desde o cobertor e o fumo até as graxas especiais para manutenção do fuzil; o momento do combate, considerando sempre o elemento surpresa e o campo como melhor território para o ataque, supostamente mais favorável para o guerrilheiro camponês.

Em todo caso, a existência de uma guerrilha na cidade, por mais que estivesse subordinada à guerrilha rural, traria à tona uma preocupação que Debray levantaria em *Revolução na Revolução*: como combinar a guerrilha rural com a resistência urbana? Como combinar o braço armado com o braço político? Segundo o autor, a permanência da direção política na cidade levaria a mesma à destruição pelas mãos do Estado repressor. Desse modo, apenas uma direção coerente e

---

<sup>81</sup> GUEVARA, op. cit. 1987 p.36

<sup>82</sup> Ibid. p.37

vigorosa, “armada de um plano estratégico a longo prazo, resultante de uma análise política correta”, poderia combinar os dois lados do aparato armado, ou seja, o braço militar camponês com o braço militar urbano. Essa direção deveria localizar-se, obviamente, no campo, o centro de operações do guerrilheiro por excelência, e ninguém melhor que Fidel Castro, como já enfatizamos anteriormente, para encarnar a figura de liderança da revolução cubana, e do seu modelo revolucionário exportado para a América Latina. Coube a Fidel Castro a função de unificar o movimento sob o seu comando, de tornar-se a liderança vigorosa à qual Debray se referia acima, definindo, com isso, uma estratégia clara para a luta armada.

[...] as forças do “26 de julho” eram muito maiores e melhor organizadas na cidade (Santiago e Havana) do que na Serra nessa época de luta. A tônica principal no Exército Rebelde caía sobre a consolidação da guerrilha rural; a ela correspondia a direção do movimento; ela era a cabeça de todo o país.<sup>83</sup>

Desse modo, no caso cubano, todos os recursos deveriam ser deslocados para a Serra, deixando o movimento de resistência urbano desamparado e desarmado. Debray enfatiza que essa tática gerou uma série de conflitos entre as duas alas do movimento revolucionário cubano, mas, de qualquer modo, isso permitiu que se desenvolvesse na Serra, a curto prazo, a força móvel estratégica, o Exército Rebelde, que liquidaria posteriormente o regime de Batista. Segundo o autor francês, “uma palavra de ordem deve ser a mais correta: todas as balas e todos os recursos para a Serra”<sup>84</sup>.

Régis Debray, admirador incondicional de Fidel Castro e de Che Guevara por esses tempos, justifica tal opção afirmando que a montanha proletarizaria os burgueses e os camponeses, e a cidade aburguesaria até os proletários. Para Ivan de La Nuez, Debray seguia Che até na fobia que o guerrilheiro argentino sentia pelos combatentes urbanos. Estes, segundo Ivan de La Nuez, distantes do imperativo ascético de Che, bebiam, iam ao cabaré e ao prostíbulo, “deixavam-se inundar pela Havana do prazer, mais que um cidadão ‘normal’, pois existem poucos prazeres que se desfrutem tanto como aqueles que podem ser os últimos”<sup>85</sup>. Os

---

<sup>83</sup> DEBRAY, 1967, op. cit. p.51

<sup>84</sup> Ibid, p. 52

<sup>85</sup> NUEZ, op. cit. p.54



rebeldes urbanos seriam desprovidos das qualidades do Homem Novo, um ser puro e virtuoso, sempre disposto a sacrificar-se em nome da revolução.

Porém, continua Debray, se esse “terrorismo na cidade” — como ele se refere algumas vezes em *Revolução na Revolução* às ações desencadeadas pela resistência urbana — estiver subordinado à luta fundamental, mais especificamente à guerrilha rural, mesmo não desempenhando um papel decisivo no processo revolucionário, teria um valor estratégico do ponto de vista militar, já que imobilizaria parte do efetivo militar do Estado repressor, paralisando-o e, conseqüentemente, enfraquecendo-o.

Segundo Fernando Mires, um dos principais motivos para o fracasso da greve geral de 1958, encontrava-se na pouca legitimidade política do Movimento 26 de Julho diante da classe operária cubana. Mesmo contando com o apoio de vastos setores do operariado, o movimento movia-se mais de acordo com a luta armada, resultado do seu próprio radicalismo, e menos com as reivindicações operárias. Alheios ao operariado e com o fracasso da greve geral, o Movimento 26 de Julho, após abril de 1958, deslocou suas forças para o terreno militar, subordinando definitivamente suas estruturas urbanas ao aparato guerrilheiro<sup>86</sup>.

[...] o fracasso da greve geral de abril de 1958 demonstrou brutalmente ao Movimento 26 de Julio que os operários não se deixavam interpelar facilmente por conduções estranhas a eles e que, portanto, o movimento deveria concentrar-se naquele terreno onde era mais forte: o militar. Depois de abril de 1958, teve lugar uma viragem estratégica no M26, segundo a qual a greve geral já não era mais concebida como o eixo central da luta, esta se deslocou para a transformação da guerrilha em um exército popular<sup>87</sup>.

Entretanto, segundo Debray, o fracasso da greve geral estaria associado fundamentalmente à ingerência da resistência urbana cubana que, ao convocar a greve, refletia a ausência de um comando unificado. A partir dessa perspectiva, a ambigüidade de Debray em sua análise do significado do fracasso da greve geral para a experiência cubana reduziria a discussão ao simples conflito campo-cidade, justificando, por sua vez, a tomada da direção do movimento revolucionário cubano pela guerrilha rural. “Uma das poucas ações que a planície propôs e impôs foi a

---

<sup>86</sup> MIRES, op. cit. p.313

<sup>87</sup> Ibid, p.330

greve geral de abril de 1958, que terminou numa catástrofe, repercutindo gravemente sobre todo o movimento”.

Desse modo, coube a “Serra” salvar a revolução, “posta em perigo pela planície”, comprovando que apenas a mesma poderia assumir a responsabilidade da direção do movimento revolucionário urbano<sup>88</sup>. Segundo Debray, com o comando sob suas mãos, a “Serra” impediria que ocorresse uma dispersão no seio da guerrilha rural, o que levaria ao surgimento prematuro de vários focos revolucionários, enfraquecendo, com isso, todo o movimento revolucionário. O comando central deveria ser forte e centralizado, pois quanto mais firme fosse a direção, maior seria a liberdade de ação das frentes e colunas surgidas a partir do foco.

Segundo o intelectual francês, Cuba oferecia o exemplo de modelo guerrilheiro que se desenvolvia harmonicamente a partir do núcleo central único, o “foco”, até se tornar um exército revolucionário capaz de fazer frente às forças regulares do Estado repressor.

A concentração de recursos e homens em um só foco permite a elaboração de uma doutrina militar única no calor do combate, na qual se formam todos os homens [...] Fidel se opunha à separação de forças, mas cedeu ante a insistência da planície. A partir desse momento ficou comprovada a justeza de sua tese, e nos dedicamos a fortalecer a Serra Maestra como o primeiro passo rumo à constituição do Exército Guerrilheiro<sup>89</sup>.

Uma outra alternativa diante da falta de unidade no comando de um movimento revolucionário, sugere Debray, seria a subordinação do braço armado à uma frente nacional. Entretanto, essa frente, heterogênea por natureza, seria palco de desavenças políticas que apenas comprometeriam a luta armada. A frente “artificial” se deteria na elaboração de programas que apenas tirariam a atenção para o que seria, segundo Debray, o mais importante: o desenvolvimento do Exército Popular, único instrumento “capaz de dar a uma frente política sua seriedade histórica e sua eficácia”<sup>90</sup>.

---

<sup>88</sup> DEBRAY, op. cit. 1967 p.52

<sup>89</sup> Ibid. 56-57

<sup>90</sup> DEBRAY, op. cit. 1967 p. 57

A frente nacional a qual Debray faz sérias críticas é a frente que nasce fora do núcleo revolucionário, fora da esfera militar desenvolvida no campo. É no interior do foco, e não fora dele, que surgirá a frente nacional revolucionária concebida pelo intelectual francês. A frente que se desenvolvesse em torno de um programa de libertação seria vítima de um idealismo ingênuo que, segundo o autor, resultaria em uma política reformista própria daqueles que se entregam ao “ópio eleitoral”. A diferença entre os dois mundos, o da guerra revolucionária e o da luta eleitoral, segundo Debray, criaria divergências políticas insuperáveis.

É preciso ir do menor ao maior. Querer andar em sentido inverso de nada serve. O menor é o foco guerrilheiro, núcleo do exército popular, e não é uma frente que cria esse núcleo, mas o núcleo ao desenvolver-se que permitirá criar uma frente em torno de algo existente, não somente em torno de um programa de libertação<sup>91</sup>.

Os “quadros” da luta armada, continua o autor, serão aqueles que tomarem parte nela, ou seja, a formação dos quadros revolucionários, sua experiência política, passa necessariamente pelo contato direto com a guerrilha rural. A oposição entre “quadros políticos” e “quadros militares” perde aqui o seu sentido, já que os verdadeiros dirigentes se formariam mais depressa e mais profundamente atuando na guerra de guerrilhas do que passando igual tempo em uma “escola de quadros”. Os políticos “puros”, segundo Debray, não serviriam para dirigir a luta armada do povo, ao contrário, os militantes que atuassem na luta armada serviriam e, dirigindo uma guerrilha, vivendo-a, também se converteriam em “políticos”<sup>92</sup>.

Os novos dirigentes surgiriam da juventude latino-americana, sem experiência política anterior à sua entrada na guerrilha. Esses jovens revolucionários pertenceriam à nova geração cubana, sem os vícios políticos típicos dos dirigentes partidários, habituados com os benefícios da vida burguesa. Segundo Debray, “todos os dirigentes castristas, à maneira de Fidel, dirigem *en persona* o foco guerrilheiro”<sup>93</sup>.

De acordo com Che Guevara, a juventude latino-americana tinha um papel fundamental no processo de consolidação da revolução. Em um texto de outubro de

---

<sup>91</sup> Ibid. p. 58

<sup>92</sup> Ibid. p.63

<sup>93</sup> DEBRAY, op. cit. 1969, p. 82

1962 dirigido à juventude cubana, o guerrilheiro argentino defende que os símbolos desses jovens, assim como de todo o povo cubano, seriam o estudo, o trabalho e o fuzil. Nesse sentido, sem nos esquecermos que tais símbolos estão associados não apenas entre si como também a uma idéia de sacrifício, Che Guevara louva os mártires da educação, responsáveis por tornar Cuba “um território livre de analfabetismo”<sup>94</sup>. O estudo com o trabalho, a alfabetização com a colheita de café. Contudo, se esses jovens deveriam sacrificar-se alegremente, entoando “cânticos revolucionários”, construindo uma nova sociedade e um novo homem, onde estaria o sacrifício? Está no ato de coragem dos jovens que morreram defendendo o território cubano, defendendo a revolução e suas incipientes instituições criadas com muito esforço. E onde está a recompensa? Segundo Che Guevara, está na recordação, já que “nos fica, pelo menos, o seu nome como recordação, como estímulo para novas batalhas e novos heroísmos”<sup>95</sup>. É essa idéia de sacrifício que se encontra na teoria foquista exportada para todo o continente, apropriada pelos grupos radicalizados da esquerda regional.

Cuba é a vanguarda da América e deve fazer sacrifícios porque ocupa o lugar de vanguarda, porque indica às massas da América Latina o caminho da liberdade plena[...] Todos e cada um de nós pagamos pontualmente a nossa cota de sacrifício, consciente de recebermos o prêmio na satisfação do dever cumprido, consciente de avançarmos em conjunto para o homem novo que se vislumbra no horizonte.<sup>96</sup>

O chamado à imolação revolucionária e as contradições próprias do processo cubano repercutiram profundamente na esquerda latino-americana a partir da década de 1960. Em sua análise sobre a recepção que a revolução cubana teve na imprensa e na historiografia brasileira nos últimos cinquenta anos, Claudia Wasserman ressalta a existência de uma ambivalência tanto na relação entre o governo cubano e o poder executivo brasileiro, quanto na recepção da revolução pela opinião pública brasileira que, por sua vez, tinha que lidar com informações escassas e nem sempre confiáveis que chegavam da ilha caribenha durante o regime militar. O percurso bibliográfico sobre a revolução cubana no Brasil testemunhou uma mitificação do processo cubano e de seus principais líderes

---

<sup>94</sup> GUEVARA, op. cit. 1986, p. 51

<sup>95</sup> Ibid. p.51

<sup>96</sup> Ibid. p. 105-107

revolucionários, Fidel Castro e Che Guevara, bem como uma ambivalência em relação a eles, que refletia a simultaneidade dos sentimentos de atração e repulsa, admiração e desprezo presente nos escritos desenvolvidos no Brasil a respeito da experiência cubana. Segundo a autora, a idéia de “elaboração penosa”, de sacrifício presente no processo revolucionário cubano, constituiu-se em um elemento presente na historiografia brasileira sobre a revolução cubana.

Os textos ressaltavam o grandioso sacrifício necessário para fazer a Revolução e para manter o projeto idealizado pelos revolucionários. Referiam-se ao heroísmo dos revolucionários e aos sacrifícios enfrentados pelo povo cubano em função do racionamento, determinado pelo bloqueio econômico dos Estados Unidos. Essa idéia de sacrifício seria responsável pela construção de uma idéia de coragem, heroísmo e merecimento<sup>97</sup>.

A mitificação do processo revolucionário cubano e sua expansão pela América Latina geraram uma ruptura no seio da esquerda regional. A fragmentação dos partidos comunistas do continente ilustra o drama vivido pela esquerda latino-americana a partir da década de 1960. A perda de unidade desestabilizara os partidos comunistas regionais, estimulando os seus jovens militantes a formarem grupos dissidentes adeptos da luta armada. Para essa juventude latino-americana, a ilha caribenha estava além da esfera política. Cuba era mais que uma revolução. Era um estilo de vida, um sonho de consumo, um delírio pueril. Régis Debray foi um dos principais difusores desses valores, daí a importância das teses desenvolvidas pelo intelectual francês em *Revolução na Revolução* como fonte inspiradora para os jovens revolucionários latino-americanos.

---

<sup>97</sup> WASSERMAN, Claudia(org). **A Revolução Cubana**: 50 anos de imprensa e história no Brasil. Porto Alegre:EST Edições, 2009 p. 21-22

### Capítulo 3 – A esquerda latino-americana sob o impacto da nova teoria revolucionária: a assimilação de *Revolução na Revolução*

A partir da década de 1960, o ideal revolucionário que alimentou os espíritos rebeldes, especialmente dos jovens latino-americanos, encontrou na mitologia cubana e nos seus atores o estímulo necessário para a difusão dos símbolos revolucionaristas por todo o continente. Entre esses símbolos, o que teve mais influência foi certamente o de Che Guevara. Se a sua morte na selva boliviana representou um duro golpe para as guerrilhas inspiradas no foquismo de Régis Debray, serviu também para alimentar cada vez mais a mística gerada ao redor do guerrilheiro argentino e da revolução pela qual ele lutou.

O guevarismo—e sua noção particular de heroísmo, combate, ação e urgência revolucionária, na qual se justificava matar e morrer pela revolução—foi particularmente marcante para os militantes da luta armada na América Latina. ‘O dever do revolucionário é fazer a revolução’ era uma das palavras de ordem mais presentes e repetidas pelos militantes das organizações armadas da época [...] Che Guevara foi o grande exemplo e referência para milhares de jovens que, no mundo todo, ingressaram em organizações armadas<sup>98</sup>.

A figura de Che Guevara, o modelo do guerrilheiro revolucionário, exercia uma grande atração entre os jovens latino-americanos. Muitos queriam se tornar o próprio argentino, o aventureiro romântico que se lança em uma jornada de formação que o levaria até Cuba. Em uma década, Che Guevara percorreu o interior da América Latina, conheceu a Bolívia após a revolução de 1952, durante o primeiro mandato de Paz Estenssoro, testemunhou a queda de Jacob Arbenz na Guatemala em 1954, estabeleceu contatos com futuros líderes guerrilheiros latino-americanos durante sua estadia nesse país, e, ao lado de Fidel Castro, colaborou decisivamente para o triunfo da revolução cubana, em 1959.

---

<sup>98</sup> ARAÚJO, Maria P. Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970. In. ARAUJO, Maria P; FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta M.(orgs) **Ditadura e Democracia na América Latina**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2008, p. 254-255

Che Guevara tornou-se não apenas o modelo por excelência do revolucionário terceiro-mundista, como também um dos principais mitos da nação cubana. Conhecido pelo seu difícil temperamento e pela sua austeridade, Che Guevara representava um modelo de liderança oposto ao de Fidel Castro, esse mais carismático e político que o companheiro argentino. Segundo Régis Debray, as duas principais lideranças da revolução cubana simbolizavam

[...] duas visões de mundo: a construtiva e a sacrificial. Sarcástico e pouco demonstrativo, Che atraía os seus homens dando-lhes as menores provas possíveis de afeto, e Fidel os capturava por meio de uma exuberância comunicativa. Fidel confia no contágio lírico, Che no poder do exemplo. O cubano estabelece a diferença entre uma causa e um programa, entre o que exige a doutrina e o que permite a realidade. É um político. Quer durar. O argentino, todavia, prefere o impossível ao possível. É um místico. Quer morrer<sup>99</sup>.

O mítico guerrilheiro argentino foi elevado ao status de outro importante herói nacional cubano, José Martí, ideólogo do movimento de libertação nacional, morto em 1885, durante a guerra de independência cubana. Che Guevara era um homem cuja fé no triunfo de seus ideais lhe custaria a própria vida. O espírito revolucionário que emanava de Cuba encontrou na figura do guerrilheiro argentino sua expressão máxima, a própria encarnação do herói dos trópicos que, após uma longa jornada de autoconhecimento através de uma América bucólica e exótica, se tornaria uma espécie de profeta guerrilheiro, conclamando os povos oprimidos da região a se rebelarem contra o algoz imperialista. Partindo da experiência cubana, Che Guevara sacralizaria a palavra revolução, disseminando-a por todo o continente, atizando os espíritos rebeldes dos jovens latino-americanos em prol de sua religião: a luta armada. Desse modo, Cuba representaria o solo sagrado, onde a rebeldia se manifestaria em toda a sua plenitude, em nome de Fidel Castro, do povo e da revolução.

[...] a rebeldia é a representação mais forte na imagem que se tem da revolução cubana. Rebeldia como doação integral à causa, como apelo absoluto à vontade e à ação permanente, motivada pela indignação 'contra o sistema', como se dizia na época. Che foi a máxima expressão dessa revolução movida pela rebeldia. Foi o

---

<sup>99</sup> DEBRAY, op. cit. 1999 p. 141

teórico da guerrilha como ação revolucionária, uma espécie de ‘teoria pura da revolução’<sup>100</sup>.

Nascido em 1928, na cidade de Rosário, Ernesto Guevara de La Serna era filho de uma tradicional família que, embora falida, preservava o prestígio na alta sociedade argentina<sup>101</sup>. Antes de iniciar sua viagem de autoconhecimento pela América Latina, Che Guevara cursou medicina em Buenos Aires, buscando tornar-se um especialista em alergias, em parte inspirado pela própria limitação física decorrente da asma crônica que o acompanhou por toda a vida. No início de sua jornada, o guerrilheiro argentino ainda não possuía uma posição política definida, era apenas um jovem introspectivo e idealista. Ao se deparar com as dificuldades vividas pelos camponeses dos países andinos, e ao constatar a influência na região das companhias norte-americanas instaladas nesses países, Che Guevara passou a identificar nos Estados Unidos o principal responsável pela miséria no continente. Sua formação política começou a se desenvolver não apenas a partir desse primeiro contato com a realidade latino-americana, mas também por meio do convívio com a sua primeira mulher, Hilda Gadea—que pertencia à ala esquerda da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), organização antiimperialista fundada pelo peruano Haya de La Torre em 1925—e com a participação na Aliança da Juventude Democrática, organização de massas ligada ao Partido Guatemalteco do Trabalho (PGT), no início da década de 1950. Segundo Michael Lowy, foi na Guatemala que Che Guevara descobriu o marxismo<sup>102</sup>.

Desde 1944, quando o civil Juan José Arévalo, recém-eleito presidente da república após um levante popular que pusera fim à ditadura de Jorge Ubico, iniciara uma moderada reforma social na Guatemala, o país sofrera constantemente com a pressão política dos Estados Unidos. A promulgação de um código de Trabalho, em 1947, que garantia aos trabalhadores direitos que lhe foram negados no passado, atingia diretamente os interesses da United Fruit Company que, por sua vez, passou a pressionar o Departamento de Estado norte-americano para que esse tomasse alguma medida, acusando o governo guatemalteco de estar alinhado à corrente comunista. A eleição do tenente-coronel Jacob Arbenz, ministro da Defesa no

---

<sup>100</sup> AGGIO, op. cit. 2008, p. 32

<sup>101</sup> ANDERSON, John Lee. **Che Guevara**: uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva. 1997, p. 206

<sup>102</sup> LOWY, op. cit. 2003, p. 24



governo Arévalo, para a presidência da república, em 1951, agravou ainda mais a relação entre os Estados Unidos e a Guatemala<sup>103</sup>.

Enquanto esteve nesse país, Che Guevara travou contato com futuros líderes políticos latino-americanos asilados, desenvolvendo os primeiros traços de suas convicções ideológicas, que já se manifestavam em sua correspondência pessoal. Mas seria no México, algum tempo depois da queda de Jacob Arbenz, que Che Guevara encontraria definitivamente a orientação política que lhe tornaria um dos mais venerados heróis históricos da América Latina.

. Após conhecer Fidel Castro, insurgente cubano asilado no México, em 1956, e ao aderir à luta de resistência contra a ditadura de Fulgêncio Batista em Cuba, Che Guevara encontrou pela primeira vez a referência que lhe faltava, e que o transformaria depois em um mito. Segundo Régis Debray, antes de conhecer Fidel Castro

Che era um palanque sem ponto de apoio que não poderia levantar nada se o cubano não lhe tivesse proporcionado um solo e um trampolim[...] Retirado, por um caudilho pragmático, dos esquerdismos da adolescência, este outsider sem território lhe devia nada menos que sua entrada no mundo real e a possibilidade de fazer nele suas provas<sup>104</sup>

Deixando de lado sua personalidade introspectiva dos tempos em que vagava sem rumo pela América Latina, Che Guevara, ao se unir à revolução liderada por Fidel Castro, rompe definitivamente com sua vida exterior e passa a se dedicar exclusivamente às questões próprias da guerra, deixando a política nas mãos do líder máximo cubano. Nas palavras de John Lee Anderson

Sua evocação de uma utopia pastoral construída através da luta armada foi uma visão que ele buscou depois reproduzir em escala internacional. O mais importante de tudo foi que identificou a revolução como a circunstância ideal para se chegar a uma consciência socialista. Em suma, o socialismo era a ordem natural da Humanidade, e a guerra de guerrilhas, o casulo para torná-la realidade<sup>105</sup>.

---

<sup>103</sup> BANDEIRA, op. cit. p. 105

<sup>104</sup> DEBRAY, op. cit. 1999, p.137

<sup>105</sup> ANDERSON, op. cit. p. 366

Segundo Régis Debray, Che Guevara identificou na revolução cubana três lições básicas que se tornariam depois o alicerce do foquismo. A primeira afirmava que as forças populares poderiam ganhar uma guerra contra um exército regular; a segunda lição se sustentava na idéia de que não era preciso esperar que se reunissem todas as condições para fazer a revolução. O “foco” poderia criá-las. Por fim, a terceira lição confirmava que na América subdesenvolvida, o terreno fundamental da luta armada devia ser o campo<sup>106</sup>. Essas “lições” seriam assimiladas e desenvolvidas por Régis Debray em *Revolução na Revolução*, e sua difusão no continente contribuiria tanto para o questionamento do papel exercido pelos partidos comunistas regionais no cenário político latino-americano, como também para a adoção, por parte da extrema esquerda, da guerra de guerrilhas como único caminho possível para derrotar o imperialismo no continente. “A guerrilha era a arma do fraco, sim, porém, para chegar a ser o mais forte. Não havia nada em si irrealizável nesse projeto”<sup>107</sup>.

Entretanto, com o passar do tempo, ficava cada vez mais claro que as “três lições” de Che Guevara, que constituíam o alicerce do foquismo, não se aplicavam à realidade latino-americana. O projeto político baseado na luta armada por meio de guerrilhas não encontrou as “condições” necessárias para reproduzir outra experiência revolucionária na região. O “foco” fracassou em todos os países onde se desenvolveu uma guerrilha rural inspirada pelos cubanos. Isolados no campo, os guerrilheiros não foram capazes de ativar as forças populares que, segundo Che Guevara, derrotariam um exército regular, como havia demonstrado a revolução cubana em 1959. Desse modo, a crença de Debray em um punhado de homens capaz de conduzir uma revolução e enfrentar um exército regular, não encontrava espaço no cenário político latino-americano.

A euforia revolucionária, o impacto mundial, a necessidade de auto-afirmação interna, as perspectivas de afirmar uma liderança externa, o desconhecimento de outras realidades e a tentação segundo a qual cada revolução tende a postular-se como modelo, conduzem a uma perigosa generalização. Em virtude dela, o exército derrotado se converte em uma prova da debilidade essencial das forças armadas regionais, no duplo plano técnico e moral. Assim, enquanto se projeta a imagem de Fidel Castro como a de um novo Simon Bolívar, por um

---

<sup>106</sup> DEBRAY, op. cit. 1999 p. 100

<sup>107</sup> Ibid. p. 103

ato de malabarismo conceitual o exército de Batista se converte em 'todos os exércitos', no anúncio do colapso militar em todos os países da América Latina, no obstáculo precário que impede o passo para uma sociedade melhor<sup>108</sup>.

A morte de Che Guevara na selva boliviana, em 1967, mesmo ano da publicação do livro *Revolução na Revolução*, representou um duro golpe para a luta armada no campo. Com a sua morte, o foquismo perdia o seu maior símbolo. Um após outro, os movimentos guerrilheiros rurais, e mais tarde os urbanos, foram sendo esmagados. Contudo, mesmo diante do fracasso guerrilheiro, a extrema esquerda não recuou do seu projeto revolucionarista para a região. O balanço negativo dessas experiências históricas, segundo Debray, “não contradiz a necessidade da luta armada, considerada como a forma mais elevada da luta política”<sup>109</sup>. A revolução cubana, vivendo o seu apogeu político, ainda influenciaria uma considerável parcela da juventude latino-americana, disposta a transformar o continente por meio das armas. Nas palavras de Max Marambio, ex-chefe de segurança do presidente chileno Salvador Allende e ex-membro do Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR), organização de extrema esquerda,

Cuba era o vórtice do movimento revolucionário latino-americano. As pessoas apareciam e desapareciam segundo as exigências da luta, e os mesmo que viviam uma rigorosa clandestinidade em determinado momento, eram os representantes políticos de seu movimento em certos eventos públicos. Isso permitia o vínculo entre revolucionários de diversos países e, para mim, constituiu uma oportunidade única de conhecer pessoas que chegaram a ser lenda ou frustração da luta armada no continente[...] Era fascinante vincular-se com aquele universo de revolucionários latino-americanos, onde se mesclavam provados combatentes, intelectuais de esquerda, diletantes circunstanciais e aprendizes de revolucionários, os quais alimentavam a minha imaginação e fortaleciam minha decisão de pertencer a esse mundo<sup>110</sup>.

Em um primeiro momento, as guerrilhas inspiradas pelo foquismo se desenvolveram no campo, no início da década de 1960, logo após a revolução cubana. Entre as principais guerrilhas rurais destacam-se as que surgiram na

---

<sup>108</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 100

<sup>109</sup> DEBRAY, op. cit. 1969, p. 73

<sup>110</sup> MARAMBIO, Max. **Las armas de ayer**. 3ªed. Santiago de Chile: Random House Mondadori S.A., 2006, p.48

Venezuela, lideradas pelo comunista Douglas Bravo; na República Dominicana, com núcleos guerrilheiros dirigidos por Manolo Tavares; na Argentina, com a presença do jornalista Jorge Ricardo Masseti; na Guatemala, representada pelas Forças Armadas Rebeldes (FAR), dirigidas pelo capitão Yon Sosa; no Peru, com o Movimento da Esquerda Revolucionária (MIR), antiga ala esquerda da APRA, liderada por Luis de La Puente e Guillermo Lobatón; na Nicarágua, com a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), sob o comando do guerrilheiro Carlos Fonseca.

Na maioria dos casos, os grupos armados latino-americanos eram dirigidos por antigos comunistas; em outros, como no Peru, eram encabeçados por ex-membros da corrente principal dos partidos populistas de centro-esquerda, como o APRA. E, em outros ainda, a luta armada partiu de antigos oficiais militares, tanto na Guatemala do início dos anos 60, quanto no Brasil de vários anos depois<sup>111</sup>.

Mas será na Bolívia, com a guerrilha liderada por Che Guevara, que o foquismo viverá o seu apogeu simbólico. A tese do pequeno grupo de homens e mulheres valentes e entusiastas, que dissemina pela região um projeto revolucionário baseado na luta armada a partir do campo, cai por terra com a morte de Che Guevara, em 1967. O drama vivido pelo guerrilheiro argentino na selva boliviana ilustra todas as limitações do seu projeto político. A idéia de criar “dois, três, muitos Vietnãs”, de estimular o surgimento de vanguardas políticas que se espalhariam pela América Latina a fim de fazer frente ao imperialismo yanque, realizando uma verdadeira revolução, partia de uma leitura apressada e superficial do cenário político regional. O fracasso da guerrilha na Bolívia foi o resultado direto dessa leitura, demonstrando a incapacidade do guerrilheiro argentino para compreender, mesmo que superficialmente, a realidade boliviana. Não seria tão equivocada supor que Che Guevara, consciente da inviabilidade do seu projeto político, evoca uma morte heróica, o seu próprio sacrifício—e o de seus companheiros—a fim de se perpetuar na História e de servir como mártir de uma causa ao mesmo tempo utópica e fúnebre.

---

<sup>111</sup> CASTANHEDA, op. cit. p.74

Fora de Cuba, o apoio real das novas ou velhas organizações revolucionárias da região não teve significação apreciável. Com exceções individuais[...] a guerrilha esteve composta por cubanos e bolivianos, sendo os primeiros os reais líderes. À luz dessas evidências, muitos neo-revolucionários puderam compreender que não são o relevo e as coordenadas geográficas que fazem a História, e que não se pode operar como se o Estado-Nação e o povo nacional não existissem, em nome de uma “nação latino-americana” ideal. Isto significava que não existia articulação real entre esse projeto macro-político e sua inserção concreta no sistema político de qualquer Estado nacional<sup>112</sup>.

Contudo, a morte de Che Guevara estimularia ainda mais a radicalização das esquerdas no cenário político regional, apesar das limitações do foquismo. A extrema esquerda não recuaria com o desaparecimento do seu principal símbolo, muito pelo contrário; mesmo questionando a viabilidade do foquismo para o triunfo de suas guerrilhas, a extrema esquerda estava disposta a levar adiante a revolução almejada por Che Guevara para a América Latina, mas deixando em segundo plano a tese da revolução tricontinental e outras leis fundamentais do foquismo. Esse processo revisionista foi desencadeado pelas organizações de extrema esquerda que adotariam as cidades como o novo palco revolucionário da região.

[...] desde outra perspectiva, aí parece estabelecer-se, também, o limite de adesão incondicional a Cuba dos novos revolucionários ativados pelo conjuro de sua revolução. De uma maneira confusa, estes se sentem melhor interpretados por um “nacionalismo latino-americano”, que os contrapõe diretamente com a potência hemisférica, do que por um internacionalismo global, que pode submetê-los como “massa de manobra” em combates, categorias e contraposições que não manejam nem querem manejar[...]os novos revolucionários que emergem na luta social, ativados pela revolução cubana, se caracterizam por uma percepção continentalista que está a meio caminho entre um internacionalismo restringido e um nacionalismo ampliado<sup>113</sup>.

O foquismo, mesmo diante dos fracassos das guerrilhas rurais inspiradas em suas teses, ainda influenciaria as guerrilhas desenvolvidas nos centros urbanos, onde o próprio princípio do foco rural carecia de sentido<sup>114</sup>. Contando com membros da classe média educada, os principais grupos armados urbanos surgiram no Brasil,

---

<sup>112</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO. op. cit. p. 61

<sup>113</sup> Ibid. p. 57

<sup>114</sup> CASTANHEDA, op. cit. p. 75

na Argentina e no Uruguai, preservando a essência do foquismo, mas revisando algumas de suas teses. Desse modo, a extrema esquerda substituiu o campo pela cidade – o novo terreno da luta armada –, e realiza uma mudança inclusive na estrutura militar desses grupos armados que, ao invés de se sustentarem a partir da coluna móvel típica do foquismo original, adotariam uma estrutura baseada em um comando clandestino rigorosamente compartimentado<sup>115</sup>. Os principais grupos guerrilheiros urbanos foram a Aliança Libertadora Nacional (ALN) de Carlos Mariguella, no Brasil; os Montoneros, na Argentina, e o Movimento de Libertação Nacional Tupamaros, no Uruguai.

No Brasil, os primeiros grupos influenciados pela revolução cubana antes do golpe de 1964 foram as Ligas camponesas. As Ligas surgiram em meados dos anos 1950, no Engenho da Galiléia, no município de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, sob a liderança de Francisco Julião. Mas foi no eixo Rio—São Paulo que a experiência cubana repercutiu com mais intensidade, levando o principal partido de esquerda brasileiro a sofrer um irreversível processo de cisão. O Partido Comunista do Brasil (PCB), além de enfrentar uma série de divergências internas, tinha pela frente o desafio de disputar a liderança dos movimentos de massa com as novas organizações influenciadas pelos cubanos.

Uma das grandes acusações que se faziam ao PCB era, exatamente, a de imobilismo. Os grupos e organizações dissidentes que se formavam desejavam agir imediatamente. Qualquer retardamento da ação era visto como um ato de covardia. O foco guerrilheiro—voltado para a luta, para a ação—era a instância privilegiada de organização, em detrimento dos partidos, associados a ‘reuniões infundáveis, complicados organogramas, direções pesadas e documentos ilegíveis’<sup>116</sup>.

Nesse sentido, ao prestar ajuda aos grupos armados, “Cuba inevitavelmente contribuía para a fragmentação dos PCs e, neste processo, praticamente nenhum partido comunista latino-americano ficou livre de cisões à esquerda”<sup>117</sup>. Segundo André Lopes Ferreira, esses agrupamentos buscavam a todo custo se reconhecerem e serem reconhecidos como a “vanguarda” do movimento comunista,

---

<sup>115</sup> GASPAR, Gabriel. **Guerrilhas en América Latina**. Santiago: FLACSO/Chile, 1997, p. 13

<sup>116</sup> ARAÚJO, Maria, op. cit. p. 258

<sup>117</sup> FERREIRA, André Lopes. **A Extrema Esquerda brasileira e a Revolução Cubana (1959-1974)**. Assis: UNESP, Dissertação de Mestrado, 2004, p. 49

disputando o direito de representarem o proletariado e o campesinato, forjando lentamente suas próprias identidades.

Na década de 1960, a principal organização armada da extrema esquerda brasileira foi a Aliança Libertadora Nacional (ALN). Seu famoso líder, Carlos Mariguella, uma das referências da esquerda radicalizada regional, criou a ALN após sua expulsão do PCB. Isso ocorreu, entre outros motivos, porque Mariguella participou da conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS)<sup>118</sup>, em agosto de 1967, sem a permissão do PCB, além de ter criticado diretamente na conferência a política adotada pelo partido. Para o guerrilheiro brasileiro, o trabalho com as massas e a sua politização eram necessários, mas não precisariam vir especificamente antes da luta armada. Inspirado pelo foquismo, Mariguella afirmava que a estratégia central da guerrilha no Brasil deveria ser a expulsão e o aniquilamento do imperialismo norte-americano e das forças militares brasileiras. Diante da ofensiva global do imperialismo, seria necessário também que os revolucionários expandissem a revolução por toda a América Latina, realizando a utópica revolução continental. O culto à ação, levado até as últimas consequências pelos grupos armados da extrema esquerda, testemunharia a proliferação anárquica de organizações armadas pelo continente. Para Mariguella, a proliferação desses grupos revolucionários autônomos debilitaria os regimes militares; mesmo que alguns grupos fossem derrotados, a espinha dorsal do movimento revolucionário seria preservada<sup>119</sup>. O golpe que destruiu as liberdades no Brasil, segundo o guerrilheiro brasileiro, não foi desencadeado pelos comunistas, e sim pelos “gorilas”, que implantaram a ditadura com o consentimento das classes dominantes. Diante desse fato, a verdade estaria ao lado do marxismo, que constituiria uma doutrina revolucionária. Nas palavras de Mariguella, “a experiência histórica brasileira incumbe-se por si só de situar o golpismo ao lado da ditadura, e o marxismo ao lado do progresso e da liberdade”<sup>120</sup>. Movido por uma avaliação errônea, o combate desencadeado pelos militares acabou por isolá-los.

---

<sup>118</sup> A Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS) foi uma tentativa “por parte dos cubanos de tornarem-se um centro revolucionário no continente”. A OLAS criticava os “partidos comunistas” defendendo a luta guerrilheira como “estratégia para a maior parte dos países latino-americanos”. SALES, Jean Rodrigues. **A luta armada contra a ditadura: a esquerda brasileira e a influência da revolução cubana**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2007 p. 60

<sup>119</sup> SALES, op. cit. p. 66

<sup>120</sup> MARIGUELLA, **Escritos**. São Paulo: Editora Livramento, 1979. p. 16

[...] contando com os instrumentos da tortura, empregada em uma escala jamais conhecida no Brasil, e com o isolamento dos militantes, em um momento em que a população vivia embalada no sonho do “milagre econômico”, o aparelho repressivo pôde liquidar os grupos guerrilheiros em poucos anos. A guerrilha deixou muitos jovens mortos, na luta por uma causa equivocada que eles assumiram com toda conseqüência, mas desapareceu da vida política brasileira sem deixar vestígios, a não ser a de uma triste lição sobre as ilusões voluntaristas e seus resultados negativos<sup>121</sup>.

O principal grupo armado da extrema esquerda argentina, os Montoneros, nasceu em 1973, a partir da junção das Forças Armadas Revolucionárias (FAR) com os antigos montoneros, oriundos da direita nacionalista e de alguns grupos social-cristãos. As FAR nasceu de uma cisão no interior do partido comunista, assim como a ALN de Mariguella, inspirando-se na experiência cubana. Fruto de uma radicalização do peronismo, os Montoneros se apoiavam nos meios estudantis e intelectuais, e em alguns setores marginalizados provenientes das favelas concentradas nas principais cidades argentinas. Sua relação com o peronismo, mesmo que conturbada, permitiu que a organização ocupasse cargos no governo do peronista Hector Cámpora, presidente da República eleito em 1973, desempenhando um papel significativo no cenário político argentino<sup>122</sup>, antes que fossem esmagados pela repressão militar, alguns anos depois. Para Fausto e Devoto,

Em maior ou menor grau, tais movimentos contaram apenas com a simpatia de jovens da classe média intelectualizada, cada vez mais reticente à medida que os estragos provocados pela repressão se estendiam. Os sonhos de uma aliança com a classe trabalhadora nunca se concretizaram, pois esta, acompanhando seus dirigentes, preferiu o realismo dos ganhos restritos às grandes utopias<sup>123</sup>.

O Movimento de Libertação Nacional Tupamaros, no Uruguai, nasceu reivindicando uma continuidade com o processo de independência desencadeado pelos antigos e rudes gaúchos dos pampas que lutaram pelo fim do sistema colonial em solo uruguaio. Liderado pelo socialista Raúl Sendic, os Tupamaros surgiram em meados da década de 1960, promovendo violentas operações de guerrilha urbana

---

<sup>121</sup> FAUSTO & DEVOTO, op. cit. p. 445

<sup>122</sup> Ibid. p.445

<sup>123</sup> Ibid. p. 447



no Uruguai, concentrando suas atividades em Montevideu. Durante alguns anos a sua atuação foi notável, algo que os qualificaria como o primeiro grupo revolucionário com êxito aparente entre os que surgiram no continente depois do triunfo castrista em 1959<sup>124</sup>. Contudo, as ações armadas desencadeadas pelos Tupamaros não representaram um elemento catalisador que contasse com uma ampla base de massas. Desse modo, seguindo os passos dos grupos armados no Brasil e na Argentina, o grupo armado uruguaio manteve o mesmo distanciamento que marcou a relação entre essas organizações de extrema esquerda e as massas.

Para o povo—imensamente descontente com as injustiças do regime—a escolha é ainda muito mais fácil. O povo reclama alterações e tem de escolher entre a transformação improvável e longínqua, que alguns lhe prometem através de declarações, de manifestos ou de intervenções militares, e o caminho direto, representado pelo grupo armado e pela sua ação revolucionária[...] Mesmo que se tome em linha o dispêndio de forças necessário à criação de um partido ou movimento de massas, tem infalível e forçosamente de se reconhecer que a luta armada acelera e precipita esse movimento das massas<sup>125</sup>.

No Chile, a extrema esquerda inspirada pelos cubanos era representada pelo Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR), uma organização criada em meados da década de 1960. Atuando principalmente no meio urbano, o MIR, liderado por Miguel Enriquez, inicialmente reclamava o desenvolvimento de “focos” guerrilheiros que, seguindo as leis debrayanas, atuariam a partir do campo, em busca da conquista do poder político<sup>126</sup>. Contudo, diante da inviabilidade da guerrilha no campo, os miristas passaram a concentrar suas atividades na cidade, realizando assaltos a mão armada em nome da revolução. Críticos do sistema eleitoral, os miristas não contavam com a vitória de Salvador Allende nas eleições presidenciais de 1970, pois supunham que a direita chilena não permitiria que um candidato da esquerda assumisse o poder em seu país. Segundo Alberto Aggio

[...] o MIR foi o único agrupamento político de maior relevância da esquerda chilena que não apoiou a candidatura de Allende na campanha eleitoral de 1970, levando, até poucos meses antes da

---

<sup>124</sup> CASTANHEDA, op. cit. p.76

<sup>125</sup> “trinta perguntas a um tupamaro” In: LABROUSSE, Alain. **Os Tupamaros: a guerrilha urbana no Uruguai**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970. p. 79

<sup>126</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op.cit. p. 246

eleição, uma prática de ações armadas com o objetivo de desestabilizar o processo eleitoral. Com a vitória da UP, o MIR mudou sua postura, mas não sua posição, constituindo-se, durante todo o período, na força oposicionista mais ativa à esquerda<sup>127</sup>.

A vitória de Salvador Allende nas eleições de setembro de 1970 representou para a esquerda a possibilidade de uma transição para uma sociedade socialista por meios pacíficos e legais. O modelo defendido pela esquerda chilena sustentava-se em dois símbolos: Salvador Allende e a Unidade Popular (UP). Coalizão formada pelas principais forças da esquerda chilena, a UP constituiu a base do governo Allende, ratificando a “via chilena” ao socialismo. O projeto institucionalista desenvolvido pela UP e por Allende contrastava com as teses revolucionaristas disseminadas pelos cubanos no interior da esquerda latino-americana, a partir da década de 1960. Fidel Castro não via com bons olhos o sucesso do projeto político chileno, pois sabia que, após uma década de constantes derrotas sofridas pela extrema esquerda no continente, o caminho da luta armada inspirada pelos cubanos dava os seus primeiros sinais de esgotamento na região. A via pacífica chilena, caso triunfasse, demonstraria a inviabilidade da luta armada na América Latina, atingindo diretamente os interesses de Fidel Castro no continente.

O líder cubano, finalmente, não ganharia nada com nenhuma das duas alternativas que se perfilam no Chile. A ‘revolução em liberdade’, democrata-cristã, é apresentada por seus inimigos dos Estados Unidos como o paradigma antagônico à ‘revolução com paredão’. O projeto de uma revolução pela via pacífica, que lidera o Partido Comunista e parte do Socialista, surge como a grande causa dos ‘pseudo-revolucionários’ latino-americanos alinhados com o Partido Comunista soviético. Caso triunfasse, ameaçaria a hegemonia de sua liderança continental sobre os revolucionários, e se paralisaria seu projeto de um centro revolucionário regional heterodoxo, com projeção tricontinental<sup>128</sup>.

Contrário à revolução pacífica de Allende, o MIR, principal representante da extrema esquerda no Chile, desenvolveu uma relação contraditória com o novo governo, fornecendo segurança pessoal ao presidente, ao mesmo tempo em que contribuía para a radicalização do cenário político chileno. Podemos identificar a

---

<sup>127</sup> AGGIO, op.cit. 2002, p. 50

<sup>128</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 242

existência dessa relação ambígua no testemunho do mirista Max Marambio. Compartilhando suas lembranças como chefe de segurança do presidente, Marambio nos fornece um retrato humano de Allende, ressaltando o seu caráter e sua inabalável postura diante do seu projeto da “via chilena para o socialismo”. De acordo com Marambio, Allende não era inimigo da luta armada, entretanto estava convencido de que “o Chile era uma exceção, já que no país as instituições governamentais funcionavam com relativa estabilidade, e uma tradição democrática formal imperava na vida política nacional”<sup>129</sup>. Mesmo com o apoio de alguns membros do MIR no início do governo Allende, a situação da esquerda chilena não era muito diferente da esquerda latino-americana, já que sofria da mesma radicalização entre os seus quadros. Trabalhar para o MIR e ao mesmo tempo para Allende colocava Marambio em uma situação delicada, pois o mesmo ficava entre os dois pólos de uma esquerda dividida: de um lado, o MIR e o seu discurso radicalizado a favor da luta armada e, do outro, Allende e o governo da Unidade Popular, dispostos a levar adiante um projeto até então nunca antes implementado. Por acreditar que o projeto de Allende não funcionaria devido a uma possível intervenção da direita, essa situação o levou a se afastar tanto de Allende como também do MIR, organização com a qual entrara em conflito por causa das divergências que surgiram enquanto Marambio trabalhava como chefe de segurança do presidente. Nas suas palavras, “todos no MIR estavam seguros de que Allende não conseguiria levar a cabo sua revolução pacífica”, entretanto, gostassem ou não, “era Allende quem nesse momento tinha a legitimidade política”<sup>130</sup>.

Mesmo com a conquista do poder, a UP não conseguiu escapar do processo de radicalização sofrido pela esquerda latino-americana desde o triunfo da revolução cubana. A polarização político-ideológica envolvendo os principais atores políticos chilenos foi em grande parte reflexo da radicalização no interior da esquerda. Representada pelo MIR, a extrema esquerda reivindicava a implementação do socialismo o mais rápido possível por meio de uma ruptura, alternativa que contrariava a via institucional estabelecida pelo governo Allende. Empurrando os setores médios para a oposição, a extrema esquerda chilena contribuiu decisivamente para a ruína do projeto político da UP. Sem o apoio necessário para a manutenção do seu projeto, Salvador Allende tornou-se uma liderança disfuncional,

---

<sup>129</sup> MARAMBIO, op. cit. p. 70

<sup>130</sup> Ibid. p. 96

já que demonstrava inabilidade para “dirigir e controlar por inteiro o processo político que, por fim, redundou numa polarização catastrófica”<sup>131</sup>, avaliação também compartilhada por Fernando Mires:

Não foi somente a ‘conspiração da CIA’ nem o ‘ultra-esquerdismo’ do MIR que assustou os ‘setores médios’, nem o delírio verbal dos dirigentes do Partido Socialista, nem o ‘reformismo’ e as ‘vacilações’ do Partido Comunista, nem as divisões na esquerda, nem o ‘boicote’ econômico dos empresários, nem o desmascaramento da direita que havia posado durante mais de um século como democrática, nem a capitulação da Democracia Cristã frente à direita através de sua ‘ala freísta’, nem sequer a existência de uma monstruosa criatura como Pinochet, a causa que explica o trágico desenlace dos acontecimentos. Mas foram todas elas, e outras mais, que se combinaram e ativaram entre si, até que chegou o momento em que era muito tarde para um novo começo<sup>132</sup>.

O culto à ação no interior da esquerda regional ativaria o aparato repressivo dos regimes militares na América Latina, contribuindo indiretamente para o seu fortalecimento. As organizações armadas urbanas, vítimas da repressão, foram praticamente aniquiladas no início da década de 1970. Segundo Rodriguez Elizondo, passada a primeira metade da década, “já era um fato que o ‘enfrentamento inevitável’ se convertera em uma inevitável derrota a nível continental”<sup>133</sup>. Contudo, ainda não chegara o fim do guevarismo na região. Enquanto os militantes sul-americanos sofriam com suas ditaduras ou viviam no exílio, seus camaradas centro-americanos pegavam em armas contra as elites governamentais de seus países, iniciando uma segunda onda revolucionária no continente.

Apesar da derrota da maioria dos movimentos guerrilheiros das décadas de 1960 e 1970, o novo período revolucionário do marxismo latino-americano, iniciado pela revolução cubana, não tinha se esgotado. A vitória da revolução nicaragüense e o desenvolvimento de frentes revolucionárias na América Central representou nos anos 80 o prosseguimento dessa dinâmica, que também se manifestou sob novas formas em todo o continente<sup>134</sup>.

---

<sup>131</sup> AGGIO, op. cit. 2008, p. 35

<sup>132</sup> MIRES, Fernando. **La rebelión permanente**: las revoluciones sociales em América Latina. México: Siglo veintiuno editores, 1988, p. 375

<sup>133</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 227

<sup>134</sup> LOWY, op. cit. 2006. p. 55

Desde o final do século XIX, a América Central e o Caribe sofreram constantemente com a interferência militar norte-americana. Cuba, Nicarágua, Panamá, El Salvador, Jamaica, Guatemala, Granada, praticamente todos os países dessa região foram vítimas da arbitrariedade do Departamento de Estado norte-americano. A onda revolucionária que se desenvolveu na América Central a partir da década de 1970—quando a guerrilha urbana nos países andinos estava praticamente dizimada—representou o último fôlego revolucionário no continente. Ao contrário dos grupos revolucionários da década de 1960 e início de 1970, as novas organizações político-militares conquistaram uma ampla base popular, principalmente em El Salvador e na Nicarágua. Graças à participação das massas, os nicaragüenses testemunharam uma segunda revolução nas Américas, vinte anos após a vitória dos cubanos<sup>135</sup>. Entretanto, essas novas organizações não escapariam dos desvios militaristas que acompanharam a esquerda desde o triunfo da revolução cubana. Os centro-americanos, acostumados com a “política do fuzil” dos vizinhos do norte, testemunharam o surgimento de rebeliões essencialmente nacionalistas e antiimperialistas na região. O último fôlego do guevarismo durou enquanto os sandinistas preservaram o poder, no decorrer da década de 1980. Seguindo os passos dos cubanos, a Nicarágua viu triunfar uma revolução sustentada em uma ampla base popular. Cansada da longa ditadura do clã Somoza, a população nicaragüense buscou na imagem de Sandino, um dos principais símbolos antiimperialistas do país, a referência necessária para derrotar definitivamente o somozismo, em 1979.

A visão nacionalista da FLSN inspirada em Sandino era a de que a Nicarágua nascera e se definira pela luta contra o colonialismo espanhol e o imperialismo norte-americano, passando pelos índios rebelados e os escravos fugidos, e culminando em Sandino e a Frente Sandinista<sup>136</sup>.

Desde a queda do presidente liberal José Zelaya, em 1909, até a expulsão dos marines norte-americanos, em 1933, a Nicarágua sofreu com as constantes invasões das forças armadas dos Estados Unidos. No início da década de 1930, quando liberais e conservadores disputavam o poder na Nicarágua, e tinham que

---

<sup>135</sup> CASTANHEDA, op. cit. p. 94

<sup>136</sup> ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaragüense**. São Paulo, Editora UNESP, 2006, p. 65

lidar com mais uma invasão patrocinada pelos Estados Unidos, Augusto César Sandino, liderando um pequeno exército de mineiros e camponeses marginalizados, conseguiu expulsar—porém, sem derrotar—definitivamente a marinha norte-americana do seu país, contando com o apoio da opinião pública internacional. Sua vitória repercutiu para além das fronteiras nicaragüenses, transformando Sandino em um herói nacional líder de um movimento antiimperialista. Ao lidar com a questão nacional, um dilema que sempre acompanhou os centro-americanos, Sandino e o seu movimento de resistência refletiam o sentimento nacionalista e antiimperialista da população nicaragüense, que há décadas sofria com os excessos dos Estados Unidos.

O sandinismo surgiu reclamando para a população nicaragüense o direito de soberania, sem a interferência de uma potência estrangeira. Ao reivindicar a imagem de Sandino para legitimar o seu movimento, a FSLN buscou resgatar no seio da população o sentimento nacionalista-antiimperialista adormecido que, anos depois, se manifestaria nos focos guerrilheiros e no movimento popular responsável pela derrocada do governo Somoza. Mais do que os cubanos, Augusto César Sandino foi a principal referência simbólica que inspiraria as forças populares no processo revolucionário de 1979.

A marca anti-imperialista foi desde sempre a mais profunda no sandinismo. Mais que os ensinamentos leninistas dos manuais, pesava o pensamento de Sandino. Não era apenas um assunto de convicções teóricas, mas de realidades provadas e de emoções<sup>137</sup>.

A Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), organização de extrema esquerda que lideraria a população nicaragüense contra a ditadura de Anastácio Somoza em 1979, surgiu no início dos anos 60, inspirada pelos cubanos, sob a liderança de um jovem estudante, Carlos Fonseca. Nesse período, Carlos Fonseca visitou Cuba, conheceu Fidel Castro e Che Guevara, bem como realizou treinamento militar, como todos que por lá estiveram. Ao retornar para a Nicarágua, Carlos Fonseca criou a FSLN e partiu para o campo, disposto a pegar em armas contra o governo Somoza, criando um foco guerrilheiro.

---

<sup>137</sup> RAMIREZ, Sérgio. **Adiós Muchachos**: uma memória de La revolución sandinista. Buenos Aires: Aguillar, 1999. p. 127

Como todas as outras guerrilhas que surgiram na América Latina inspiradas pelo foquismo, a guerrilha sandinista fracassou, seu líder foi preso e morreu anos depois, antes que pudesse testemunhar o fim da ditadura de Somoza. Com a derrota da guerrilha rural, a FSLN sofreu uma cisão, gerando três tendências: a Guerra Popular Prolongada (GPP); a Tendência Proletária (TP); e a Tendência Insurrecional (ou terceiristas). Elas seriam unificadas pouco antes da vitória sandinista. Contando com o apoio de Fidel Castro, as três tendências compreenderam que, para o sucesso da revolução, seria necessária uma política de alianças que englobasse os setores sociais não ligados ao governo, uma aliança com a burguesia nicaragüense, insatisfeita com as políticas econômicas do governo Somoza, assim como a adoção de uma postura mais moderada, mais aberta ao diálogo entre as diferentes forças políticas nicaragüenses, ou seja, essa aliança devia ser menos guevarista.

A unidade das três tendências sandinistas se firmou em 07 de março de 1979, no Panamá[...] depois de chegarem a um acordo básico em Havana. As circunstâncias da luta impunham a unidade. Porém, a simples presença de Fidel Castro como patrocinador do acordo se tornava irresistível; e o peso de sua influência foi chave, assim mesmo, para que os terceiristas aceitassem a integração de uma Direção Nacional da FSLN paritária, três membros por cada uma das três tendências, independentemente da força de cada uma<sup>138</sup>.

O próprio Fidel Castro, ciente dos erros cometidos no passado, sentindo na pele os rigores do embargo econômico, aconselhou o presidente nicaragüense Daniel Ortega e os líderes revolucionários sandinistas a serem mais cautelosos e moderados, a não abraçarem publicamente o marxismo-leninismo, a não destituírem os partidos políticos, a adotarem uma economia mista, com participação do empresariado local e, por fim, a não insistir em um internacionalismo militar inspirado em Che Guevara<sup>139</sup>, já que a idéia de uma “nova Cuba” não se sustentaria diante do novo cenário político regional.

Patrocinando um exército de mercenários contra-revolucionários, os norte-americanos contribuíram para que o governo sandinista sofresse uma guinada para a esquerda durante a década de 1980. A preocupação com os aspectos militares se

---

<sup>138</sup> RAMIREZ, op. cit. p. 225

<sup>139</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 314; ver também BANDEIRA, op. cit. p. 600

fortalecia entre os sandinistas a medida que a luta contra as forças mercenárias instaladas em bases militares em Honduras, sob o patrocínio dos Estados Unidos, recrudescia, em uma guerra que durou quase dez anos. Contudo, os sandinistas realizaram duas eleições democráticas, em 1984 e 1990. Mesmo vencendo a primeira eleição, os sandinistas não alcançaram a maioria dos votos. A derrota em 1990, após dez anos de governo, não veio acompanhada de um derramamento de sangue, pelo contrário, os comandantes da FSLN aceitaram a transição do governo pacificamente, apesar de manter sob a sua influência as forças armadas nicaragüenses, o último reduto sandinista. Forçados pelas circunstâncias a abdicar do desvio militarista típico dos cubanos e a respeitar o processo eleitoral, os sandinistas contribuíram tanto para o fortalecimento de um regime democrático na Nicarágua, como para o questionamento do modelo revolucionário cubano, demonstrando que, no início da década de 1990, o guevarismo não oferecia mais nenhuma alternativa, havia se esgotado, tornando-se inaplicável no cenário político latino-americano.

Em fevereiro daquele ano, os sandinistas participaram das eleições sob supervisão internacional que abriram para eles duas caixas de Pandora: a possibilidade de perder o poder nas urnas—uma heresia para qualquer revolucionário verdadeiro—, ou, se ganhassem, a perspectiva de outorgar validade e autoridade moral ao próprio princípio eleitoral, o que aumentaria a pressão para que também fossem realizadas em Cuba<sup>140</sup>.

O esgotamento do guevarismo enquanto projeto político para a América Latina se manifestou não apenas na derrota da luta armada patrocinada pela extrema esquerda regional a partir da década de 1960, mas também nas privações sofridas pelo povo cubano. Isolado no poder, o líder máximo cubano sobrevive das glórias do passado, enquanto a população cubana espera por melhores condições de vida.

Se Fidel se nega a toda renovação, se aferra ao seu auto-retrato, se nega a aceitar que perder de vez em quando faz parte do jogo político—até no comunismo houve alternância—quer dizer que só aceita o futuro que lhe reserva alguma novela de García Márquez: ele falando sozinho em uma ilha que há muitos anos se tornou

---

<sup>140</sup> CASTANHEDA, op. cit. p. 64



estreita e recordando, com nostalgia, aquela década prodigiosa quando Fidel era Deus, “Che” o profeta e Cuba o paraíso prometido<sup>141</sup>

Após três décadas de luta armada na América Latina, a palavra “revolução” saía da ordem do dia. O fim da União Soviética, a queda do muro de Berlim e a mudança de orientação da esquerda regional—mais aberta ao diálogo e ao consenso, e alinhada à incipiente social-democracia latino-americana—contribuíram para o fim dos regimes militares e para o sepultamento do guevarismo enquanto projeto político para a região. Os guerrilheiros que ainda lutavam na América Central gradualmente foram reintegrados à vida social em seus países, enquanto o poder retornava para as mãos dos civis. A epopéia revolucionária latino-americana que havia emergido do espectro cubano chegara ao seu fim.

---

<sup>141</sup> RODRIGUEZ ELIZONDO, op. cit. p. 379

## Considerações Finais

Para todos os movimentos políticos e correntes de esquerda, o colapso do socialismo significou a perda de um paradigma, a eliminação do ponto de referência com o qual a esquerda havia vivido mais de meio século<sup>142</sup>. Como reflexo desse processo, após três décadas de luta armada na América Latina, o projeto político guevarista chegava ao seu fim. A partir da década de 1980, a esquerda regional—diante dos fracassos da luta armada e com o fim da Guerra Fria e do bloco socialista na Europa—viu-se diante de um dilema fundamental. Ou a mesma continuava defendendo um projeto obsoleto, sustentado em uma compreensão limitada da realidade política latino-americana, ou seguiria um caminho contrário, menos guevarista, e mais preocupado com a superação das desigualdades sociais por meios pacíficos e democráticos.

A revolução cubana influenciou profundamente as práticas da esquerda nas décadas de 1960 e 1970. Sua disposição para atizar o fogo da revolução na América Latina contribuiu decisivamente para a radicalização do cenário político regional. Com o seu léxico revolucionário e as suas leis sagradas, a revolução cubana constituiu o eixo articulador das idéias e da mentalidade da esquerda regional a partir da década de 1960. Os cubanos alimentaram no imaginário dos jovens latino-americanos a fé na luta armada e na revolução como o único caminho para a construção de uma sociedade idílica no continente, com um novo tipo de homem, livre das alienações do mundo mercantilizado e desumanizado dos países capitalistas<sup>143</sup>.

No início da década de 1960, a revolução cubana—com todos os seus experimentos e representações—dava a impressão de um renascimento criativo do marxismo latino-americano<sup>144</sup>. A crítica ao imobilismo dos partidos comunistas locais, a disposição em levar adiante um projeto revolucionário com traços nacionalistas na América Latina, o amplo respaldo do povo cubano e da opinião

---

<sup>142</sup> CASTANHEDA, op. cit. p. 208

<sup>143</sup> MOULIAN, Tomás. Campo cultural y partidos políticos en la década del sesenta. In: **La forja de ilusiones: el sistema de partidos 1932-1973**. Santiago: Universidad ARCIS/FLACSO, 1993. p.244

<sup>144</sup> MANSILHA. H.C.F. **Perspectivas para el movimiento socialista en América Latina**. Buenos Aires: Revista Nueva Sociedad, Nº 108, Julio-Agosto 1990, PP, 132-146

pública, esses e outros fatores legitimavam a revolução cubana como o eixo capaz de reabilitar o marxismo, após os anos obscuros da era stalinista. Entretanto, após um primeiro momento de euforia, a revolução cubana foi perdendo o fôlego. A burocratização dos seus quadros, a derrota dos grupos armados da extrema esquerda pelo continente e a recusa de Fidel Castro em compartilhar o poder, demonstravam as limitações do paradigma cubano.

O modelo socialista, sustentado na imagem de uma eficiência desenvolvimentista capaz de levar a cabo uma política de industrialização acelerada em países subdesenvolvidos, perdeu força no interior da esquerda regional com a queda do Leste Europeu e o fim da Guerra Fria. Desse modo, a perspectiva de uma modernização acelerada com traços nacionalistas, que durante anos serviu como estímulo para a esquerda latino-americana, já não encontrava mais espaço no cenário político regional. Com o tempo, após os constantes fracassos da extrema esquerda, enfraquecera a força de atração da teoria marxista e da práxis socialista na América Latina.

A visão do capitalismo enquanto caminho lento de desenvolvimento, e do socialismo como o seu oposto—mais igualitário, dinâmico e capaz de promover a superação das mais diversas formas de dependência<sup>145</sup>—que durante décadas predominou no imaginário coletivo da esquerda latino-americana, foi alterada a partir do enfraquecimento da capacidade de sedução do socialismo na região. A queda do bloco socialista contribuiu para o colapso dos projetos políticos sustentados em uma estratégia revolucionária. O declínio do guevarismo na América Latina foi um claro sinal dessa perda de prestígio dos modelos de desenvolvimento baseados em uma transformação radical da sociedade.

Contudo, ao abdicar das teses revolucionaristas no final do século XX, e ao iniciar um diálogo produtivo e inovador com o liberalismo político, abriu-se uma nova fase para a esquerda regional, na qual parcelas dessa esquerda passaram a contribuir não apenas para a renovação do pensamento político latino-americano, como foram fundamentais “para a formação de alianças políticas de centro-esquerda antes e depois da vitória sobre os regimes autoritários”<sup>146</sup>.

---

<sup>145</sup> MANSILHA. Op. cit. p. 132-146

<sup>146</sup> AGGIO, Alberto. Um lugar no mundo pela via da democracia. **Política Democrática**. Nº26, 2010, p.49-54

O reconhecimento de certos princípios éticos e mecanismos específicos como o sufrágio universal, as leis, os direitos humanos, a alternância de poder, o pluralismo ideológico e político<sup>147</sup>, representou uma revalorização da política na América Latina. Essa revalorização veio acompanhada por uma crescente preocupação pela reconstrução do tecido social, refletida no renascimento e fortalecimento da sociedade civil a partir da década de 1980. Nos países latino-americanos alinhados à incipiente social-democracia, a política perdia gradualmente a sua aura ideológica e o seu poder de mobilização, tornando-se um espaço de negociação entre forças em conflito, em favor dos interesses práticos dos atores sociais<sup>148</sup>, e sem assumir compromissos com teorias totalizadoras e universalistas.

Contudo, a emergência de uma democracia política não significou o fim das disparidades étnicas, regionais, econômicas e sociais que sempre representaram obstáculos para as nações latino-americanas. Desse modo, a criação de mecanismos que permitam a superação desses obstáculos constitui ainda hoje uma importante questão a ser resolvida pela esquerda e por todos os atores políticos do continente.

Apesar do avanço dos valores democráticos, a perspectiva de ruptura continua presente na América Latina. Em pleno século XXI, governantes latino-americanos como Hugo Chávez e Evo Morales reclamam a herança política deixada pelo guevarismo, tornando-se um contraponto aos governos de centro-esquerda da região. O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, parece reivindicar o posto de representante das correntes políticas guevaristas deixado por Fidel Castro. Em busca de legitimidade, o chavismo atualiza o confronto com os Estados Unidos—com a benção do líder máximo cubano—baseado em um vago discurso antiimperialista, contribuindo para o desenvolvimento de um novo autoritarismo na América Latina, alinhado ao paradigma cubano.

Entretanto, com o enfraquecimento das teses revolucionaristas, e com a auto-crítica da esquerda latino-americana no final do século XX, a mesma viu-se diante da oportunidade de se reinventar, depois de décadas de atraso. Ao reavaliar o seu papel na política regional, a esquerda com vocação de governo abriu mão de uma perspectiva rupturista em prol de um projeto político comprometido com a via

---

<sup>147</sup> GARRETON, Manuel A. **América Latina no século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p.15

<sup>148</sup> MANSILHA, op. cit. p. 132-146

institucional. Desse modo, as novas relações entre o Estado e a sociedade latino-americana—orientadas para a promoção de uma ordem legítima capaz de integrar os distintos atores políticos e de superar as desigualdades sociais que sempre assombraram a região—permitiram uma revalorização da democracia nunca antes vista na América Latina.

## Referências Bibliográficas

AGGIO, Alberto. **Uma nova cultura política**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2008

\_\_\_\_\_. Repensando o sentido da Rebelião na Revolução Cubana. **Estudos de História**. Franca: Unesp, v.7, n.2, p.215-229,2000.

\_\_\_\_\_. **Democracia e Socialismo**: a experiência chilena. São Paulo: Annablume, 2002.

ALCÁZAR, Joan del & TABANERA, Núria (comp). **Estúdios y materiales para la história de América Latina**. València: Tirant lo Blanch,1998.

ANDERSON, John Lee. **Che Guevara**: uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

ARAUJO, Maria P.; FERREIRA, Marieta M.; FICO, Carlos; QUADRAT, Samantha Viz(orgs). **Ditadura e Democracia na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. in HOBSBAWM, E. J. (org) **História do Marxismo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, v.8, p. 419-460,1987.

\_\_\_\_\_. **La Cola del Diablo**: itinerário de Gramsci em América Latina. Buenos Aires: Puntosur,1988.

ARISMENDI, Rodney. **Lenin, la revolucion y América Latina**. México: Ed. Grijalbo,1976.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Ed. Unesp,2004.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-Francois(orgs). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa,1988, p. 349-363.

BETHELL, Leslie. **América Latina**: entre a segunda guerra mundial e a guerra fria. São Paulo: Paz e Terra,1996.

BOTELLA, J. En torno al concepto de cultura política: dificultades y recursos. In: CASTILLO, P. & CRESPO, I. (edits.) **Cultura Política**. Valencia: Tirant lo Blanch,1997, p. 17-37.

BÉJAR, Héctor. **Las guerrilhas de 1965**: balance e perspectiva. Lima: Editora Peisa. 1973.

CALDERÓN, Fernando. **Socialismo, autoritarismo y democracia**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos/CLACSO,1989.

CAMÍN, Hector Aguilar; MEYER, Lorenzo. **À Sombra da Revolução Latino-americana (1910-1989)**. São Paulo, Edusp, 2000.

CARDOSO, Fernando Henrique; ENZO, Faletto. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina**: ensaio de interpretação sociológica. 7ªed. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

CASTAÑEDA, Jorge G. **Utopia Desarmada**: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana. São Paulo: Companhia das Letras,1994.

\_\_\_\_\_. **Che Guevara**: a vida em vermelho. São Paulo: Cia das Letras,2001.

CASTRO, Fidel. **A História me Absolverá**. São Paulo: Editora Expressão Popular,2001.

DEBRAY, Régis. **Revolução na Revolução**. Havana: Casa de las Américas,1967.

\_\_\_\_\_. **Ensayos sobre América Latina**. México: Editorial Era, 1969.

\_\_\_\_\_. **La Critica de las Armas**.v.1. Madri: Siglo XXI, 1975.

\_\_\_\_\_. **Alabados sean nuestros señores**: una educación política. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.

DORIA, C. A. **Revolução Cubana**: de Martí a Fidel(1868-1959). São Paulo: Brasiliense,1996.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora FFJF,2005.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. **Brasil e Argentina**: um ensaio de história comparada(1850-2002). São Paulo, Ed.34,2004.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo**: a revolução cubana.São Paulo: TAQ,1979.

FERREIRA, André Lopes. **A Extrema Esquerda brasileira e a Revolução Cubana (1959-1974)**. Assis, 2004.

FILHO, Daniel Aarão. **A revolução faltou ao encontro**: os comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense,1990.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **O Marxismo na América Latina**. São Leopoldo, RS: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos,1995.

FRANK, Andrés Gunder. **Lumpemburguesia: lumpendesarrollo**. Buenos Aires: Editora Periferia, 1973.

GASPAR, Gabriel. **Guerrilhas en América Latina**. Santiago:FLACSO/Chile,1997

GARRETÓN, Manuel Antonio. **América Latina no Século XXI**. Rio de Janeiro, editora FGV, 2007.

GILMAN, Claudia. **Entre La pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionário em América Latina**. 1ªed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina,2003.

GUEVARA, Ernesto. **A Guerra de Guerrilhas**. São Paulo, Edições Populares, 1987.

\_\_\_\_\_. **Textos Políticos**. 3 ed. São Paulo,Global Editora, 1986.

\_\_\_\_\_.**Textos Revolucionários**. São Paulo, Centro editorial Latino-Americano, 1980.

IANNI, Octavio. **Imperialismo na América Latina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1988.

\_\_\_\_\_. **A formação do Estado populista na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1975.

\_\_\_\_\_. **O Labirinto Latino-Americano**. 2.ed. Petrópolis,RJ: Vozes,1995.

LABROUSSE, Alain. **Os Tupamaros: a guerrilha urbana no Uruguai**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, s/d.

LECHNER, Norbert(org). **Estado y política en América Latina**. México: Siglo XXI, 1981.

LIPSET, S.M.; SOLARI, A. E. **Elites e desarrollo en América Latina**. Buenos Aires: Editora Paidós, 1971.

LOWY, M.(org). **O Marxismo na América Latina**. 2ªed.São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006.

\_\_\_\_\_. **El pensamiento del Che Guevara**. México: Siglo XXI, 1985.

MARAMBIO, Max. **Las armas de ayer**. Santiago de Chile: Copesa & Random Horse Mandadori, 2007.

MARIGUELLA, Carlos. **Escritos de Carlos Mariguella**. São Paulo: Editora Livramento, 1979.



MARINI, R. M. **América Latina**: dependência e integração. São Paulo: Editora Brasil Urgente,1992.

MIRES, Fernando. **La Rebelion Permanente**: las revoluciones sociales em América Latina. México: Siglo Veintiuno Editores, 1988.

MORÁN, Maria Luz. **Sociedad, cultura y políticas**: continuidad y novedad en el análisis cultural. Madri: Zona Abierta 77/78, 1996/1997, p. 01-29.

MOULIAN, Tomás. Campo cultural y partidos políticos en la década del sesenta. In: **La forja de Ilusiones**: el sistema de partidos 1932-1973. Santiago de Chile: Universidad ARCIS/FLACSO,1993.

NUEZ, Ivan de la. **Fantasia Roja**. Barcelona: Arena Abierta,2006.

OTERO, Lisandro. **La utopia cubana desde adentro**. México: Siglo XXI, 1993.

PARAMIO, Ludolfo. **Tras el diluvio: la izquierda ante el fin de siglo**. Madri: Siglo XXI,1988.

PORTANTIERO, J. C. O Marxismo latino-americano. In: HOBBSAWM. E. J.(org) **História do Marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 2,1889.

RAMIREZ, Sérgio. **Adiós Muchachos: una memoria de la revolucion sandinista**. México: Aguilar,1999.

RÉMOND, Réne(org). **Por uma História Política**. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV,2003.

RODRIGUEZ ELIZONDO, José. **Crisis y Renovacion de las Izquierdas**: da revolución cubana a chiapas pasando por “el caso chileno”. Santiago de Chile: Editorial Andres Bello,1995.

ROUQUIÉ, Alain(org). **Las Fuerzas Politicas en América Central**. México: Fondo de Cultura Económica,1994.

SADER, Emir(org). **Che Guevara**. São Paulo: Ática,1981.

\_\_\_\_\_. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Ed. Moderna,1985.

\_\_\_\_\_. **Fidel Castro**: Política. São Paulo: Editora Ática, 1986.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. **A Política Armada**: fundamentos da guerra revolucionária. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

SALES, Jean Rodrigues. **A Luta Armada contra a ditadura militar**: a esquerda brasileira e a influência da revolução cubana. São Paulo: Editora Perseu Abramo,2007.

SARTRE, Jean Paul. **O escritor não é político?**. Lisboa: Publicações Dom Quixote. s/d

SORJ, Bernardo. **A construção intelectual do Brasil Contemporâneo: da resistência à ditadura ao governo FHC**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Edit. 2001.

TOGLIATTI, Palmiro. **Escritos políticos**. México: Editora Era, 1971.

TOURRAINE, Alain. **Palavra e Sangue: política e sociedade na América Latina**. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1989.

VEGA, Luis Merrier. **Las guerrilhas en América Latina**. Buenos Aires: Editora Paidós, 1969.

WASSERMAN, Claudia(org). **A Revolução Cubana: 50 anos de imprensa e história no Brasil**. Porto Alegre: EST Edições, 2009.

WERZZ, Nikolaus. **Pensamiento Sociopolítico Moderno en América Latina**. Caracas: Nueva Sociedad, 1995.

ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaragüense**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.